

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Ronaldo Henn: A violência em São Leopoldo. BR-116 é rota para operações criminosas

PÁGINA 08 | Jair Krischke: "Há uma relação direta entre a violência e a questão socioeconômica"

PÁGINA 11 | Carlos Gadea: Violência: uma representação social?

PÁGINA 14 | Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa: Repressão para reduzir homicídios

PÁGINA 17 | Cássia Rebelo Hofstätter: Diagnóstico detecta principais causas da violência em Novo Hamburgo

PÁGINA 19 | Greyce Vargas: A vida no Guajuviras. Mistura de medo e indignação

PÁGINA 20 | Vera Malaguti Batista: "Precisamos parar de pensar em criminalidade e começar a pensar nas nossas criminalizações históricas"

PÁGINA 22 | Jorge Zaverucha: Violência: "a lógica do jogo soma-zero: ou eu ou você"

PÁGINA 24 | Fernando Bonassi: "O PCC surgiu da violência carcerária"

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 27 | Júlio Castanon Guimarães: O desafio de traduzir Mallarmé

» Nanotecnologias

PÁGINA 30 | Ronaldo Giro: O Brasil e a pesquisa em nanotecnologias

PÁGINA 32 | Priscyla Marcato: Nanotecnologia, saúde e ambiente: riscos e benefícios

» Invenção

PÁGINA 34 | Leandro Sarmatz

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 37 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 40 | Giovanne Alves: Pós-máquinas ciberhominizadas? O pós-humano e o movimento social do capital

PÁGINA 43 | Mirian Dazzi: Submissão e imposição: extremos da personalidade feminina que dividem o gênero na sociedade atual

» Perfil Popular

PÁGINA 46 | Maria Lucia Locadio da Rosa

» IHU Repórter

PÁGINA 48 | Dalila Cisco Collatto







Revista do Instituto Humanitas Unisinos



Tema de Capa



A violência em São Leopoldo. BR-116 é rota para operações criminosas

Com a interiorização do crime, aumentou a sensação de que "só estamos protegidos em condomínios super-fechados", avalia Ronaldo Henn

POR PATRICIA FACHIN

ormamos uma sociedade cuja constituição desde sempre foi marcada pela extrema violência", afirma Ronaldo Henn, professor do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. Em entrevista à IHU On-Line, por e-mail, o ex-coordenador do Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Violência destaca, no Rio Grande do Sul, os intensos conflitos entre gangues identificadas com torcidas de futebol. Por trás dessas ações de violência entre os jovens, explica, "há a questão de construção de identidades", nas quais problemas históricos "mal resolvidos se associam à testosterona fervilhante e à baixa auto-estima criando explosões violentas".

Questionado sobre a interiorização dos conflitos urbanos nos municípios do Vale do Sinos, Henn diz que as cidades da região apresentam uma peculiaridade que favorece a incidência de crimes: eles "são cortados pela BR-116, que funciona como rota para operações criminosas". O aumento da fiscalização em grandes centros faz com que criminosos migrem para lugares menores e pacatos. Com isso, complementa, "começamos a ter aquela sensação de que não há lugar seguro no interior ou na praia".

Ronaldo Henn é jornalista, graduado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e mestre e doutor em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, é docente da Unisinos.



IHU On-Line - Como o senhor percebe o avanço da violência no espaço urbano? Qual é a origem desses conflitos e por que estão aumentando de maneira incontrolável?

Ronaldo Henn - Os conflitos, dos quais temos hoje uma percepção exacerbada e que assumem na contemporaneidade tons catastróficos e midiáticos, não são recentes, muito pelo contrário. Formamos uma sociedade cuja constituição desde sempre foi marcada pela extrema violência. Somente o nosso passado escravocrata mal resolvido, ainda muito vivo nas tensões contemporâneas, é de uma violência que insiste em ecoar nos porões das delegacias deste país. Entre o pelou-

"Somente o nosso passado escravocrata mal resolvido, ainda muito vivo nas tensões contemporâneas, é de uma violência que insiste em ecoar nos porões das delegacias deste país"

rinho, em que os escravos eram castigados, e o pau-de-arara, em que os pobres são torturados, temos o mesmo movimento violento em ação.

O que muda é a complexidade da sociedade que passou por processos de transformações econômicas e políticas intensas, sobretudo na segunda metade do século passado, e hoje vive imersa em um contexto globalizado em que o consumo, principalmente o que envolve bens tecnológicos de ponta, é o seu grande motor. Neste cenário difuso, fluido, poroso, no qual questões pregressas da formação da nossa sociedade sequer foram resolvidas, parte desta violência de origem se transforma em criminalidade, que também incorpora um censo



de organização global impressionante. E, pelos estudos que desenvolvemos no grupo transdisciplinar hoje extinto, os apelos do consumo em todos os níveis, envolvendo até mesmo os corpos das pessoas, funcionam como mola propulsora dos conflitos urbanos que vivem um processo de segmentação e diversificação. Podemos dizer que há várias origens para este estado de violência atual, inclusive os de ordem neurocerebral. No entanto, eu estou convencido de que, no caso brasileiro, a fusão dos processos violentos pregressos com esta ode desmedida ao consumo globalizado faz toda a diferenca nas especificidades de violências e criminalidades que enfrentamos todos os dias.

IHU On-Line - Como se instaurou a cultura do medo na região do Vale do Sinos? De que maneira a população lida com esse cenário de violência? Ronaldo Henn - O Vale do Sinos, fazendo parte de uma região metropolitana populosa e industrializada, foi incorporando muito rapidamente situações de exclusão e crime que se verificam em centros urbanos mais densos, como os formados por São Paulo e Rio de Janeiro. E aqui há uma peculiaridade que favorece a incidência de determinados crimes: as cidades do Vale do Sinos são cortadas pela BR-116, que funciona como rota para operações criminosas, incluindo fugas. Por outro lado, o processo de favelização, disparado na década de 1970 com o êxodo rural e a conversão das cidades como objeto de desejo e emprego, se intensificou nas sucessivas crises econômicas pós-73. Mas há outro componente importante. No início da década de 1980, São Leopoldo ainda conseguia manter certos laços sociais, culturais e econômicos que foram se dissolvendo com a globalização. Só no comércio, para se ter uma idéia, a grande maioria das lojas que eram locais e mantinham determinados lacos com a comunidade foram progressivamente substituídas pelas grandes redes. Isso provocou uma mudança radical no próprio design da cidade. No plano da cultura, ela passou a conviver com tribos que se hostilizam e se organizam territorialmente em nichos distribuídos pelo centro. Enquanto isso, na periferia, o

"O Vale do Sinos, fazendo
parte de uma região
metropolitana
populosa e
industrializada, foi
incorporando muito
rapidamente situações de
exclusão e crime que se
verificam em centros
urbanos mais densos,
como os formados por São
Paulo e Rio de Janeiro"

crime organizado vai se fortalecendo na medida em que existem regiões estratégicas, próximas da BR-116, e que funcionam como rotas. E passa a atrair toda uma juventude sem perspectivas, louca para ter o "tênis da hora". A classe média, por sua vez acuada, ergue muros e grades. Toda uma estética calcada no medo ganha forma.

IHU On-Line - São Leopoldo é apontada como uma das cidades gaúchas mais violentas. Nessa realidade, a criminalidade juvenil ganha bastante destaque. Como compreender as ações violentas desses jovens? As relações familiares têm contribuído para essa mudança?

Ronaldo Henn - Ao longo de 2005, fizemos uma pesquisa específica em São Leopoldo. O que ficou evidente, para nós, era a excessiva internalização, que prefiro chamar de confinamento, de adolescentes em conflito com a lei. Isso não chega a se constituir em um indicador de que houve um aumento da criminalidade juvenil, até porque a percepção deste aumento é muito mais resultado da maneira sistemática como os jornais ampliam noticiários de crimes que envolvem adolescentes.

Em cotejamento com outras pesquisas, a incidência de adolescentes em crimes é bem inferior àqueles que estão na faixa dos 20 aos 24 anos, que forma a grande maioria de apenados. O que nos chama a atenção é que a imensa maioria destes jovens confinados é de origem muitíssimo pobre e com laços familiares e comunitários fortemente comprometidos. Se muitos adolescentes são confinados e não se percebe melhoras, é sinal de que este sistema não funciona. Uma intervenção mais positiva e inventiva nas comunidades vulneráveis, em que estes laços pudessem ser reconstituídos com a perspectiva de novos horizontes, expectativas, aumento da auto-estima, da capacidade lúdica, traria resultados bem mais interessantes do que o mero confinamento, que funciona mais como um cordão de isolamento de cimento armado.

IHU On-Line - Que tipo de violência tem predominado na região?

Ronaldo Henn - A nossa pesquisa focou o ano de 2005 e nela os furtos e roubos ganhavam destaque. Entretanto os homicídios, mesmo que viessem diminuindo desde 2003, ainda apareciam num volume significativo, em torno de 50 casos. É importante observar que a maior parte destes casos acontece exatamente nas comunidades carentes, o que nos leva a supor que a população pobre é bem mais vulnerável a situações fatais de criminalidade do que outras.

A chamada violência doméstica também apareceu como algo significativo. Como nossas fontes foram os boletins de ocorrência das delegacias, o que nos pareceu não foi um aumento de casos de agressões de homens a mulheres, mas sim algo de positivo. Ou seja, as mulheres apresentam atitudes mais afirmativas e vão às delegacias denunciar seus companheiros agressores.

Agora, o que vem me chamando à atenção nestes três últimos anos é o aumento de notícias dando conta de conflitos muito intensos entre gangues identificadas com torcidas de futebol. Há toda uma questão de construção de identidades nestas fronteiras da globalização, nas quais questões histó-



"A temporalidade de produção do noticiário é muito cruel, fazendo com que a própria mídia, na medida em que define valores, hierarquiza e mantém o silenciamento de camadas da sociedade historicamente silenciadas, se torne um agente de violência"

ricas mal resolvidas se associam à testosterona fervilhante e à baixa autoestima, criando explosões violentas e, infelizmente, muitas vezes fatais.

IHU On-Line - Em 2005, o senhor coordenou o Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre a Violência. Levando em consideração os dados obtidos na pesquisa, que mudanças são perceptíveis no município? Por que São Leopoldo ainda está entre as dez cidades mais violentas do estado?

Ronaldo Henn - Penso que a cidade vem se ocupando com esta questão com certa determinação. Existe uma secretaria municipal para tratar deste assunto, o que é muito positivo. Medidas preventivas vêm sendo adotadas, como o fortalecimento da guarda municipal e distribuição de câmeras de vigilância em locais emblemáticos. Considero tais medidas, que podem ser reforçadas com o aumento de um policiamento mais equipado, muito importantes, mas não suficientes. Defendo uma espécie de promoção dos sujeitos nas comunidades vulneráveis, com ações que envolvam os jovens em processos midiáticos, culturais, esportivos e profissionalizantes. Tais operações devem envolver também as escolas, que também se transformam em cenários para agressões de toda a ordem. Experiências como estas já demonstraram resultados imensamente positivos em vários lugares, como o bairro Restinga, Porto Alegre, no ano de 2001, em Diadema e em regiões de Belo Horizonte. São situações como estas que podem, até mesmo, superar traumas históricos que só são percebidos como visíveis quando acontece um assalto envolvendo a nossa família.

IHU On-Line - A violência sempre foi assunto de debate em grandes cidades. Hoje, a temática preocupa pequenas localidades do interior. Essa mudança de paradigma demonstra que está ocorrendo a "interiorização do crime"? Que fatores contribuem para esse deslocamento?

Ronaldo Henn - O aumento de aparatos privados e públicos de segurança nas grandes cidades acaba criando dificuldades para os criminosos. Eles começam a migrar para os lugares menores, pacatos, nos quais estas dificuldades não existem. Com isso, começamos a ter aquela sensação de que não há lugar seguro no interior ou na praia que não seja dentro de um condomínio super fechado e protegido. Neste sentido, a idéia de se criar consórcios de segurança entre os municípios de determinadas regiões que, além de ações de repressão e prevenção, prevejam ações de afirmação dos sujeitos, deveria ser perseguida com mais entusiasmo pelas administrações públicas.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a cobertura da mídia, no que se refere à violência entre jovens e até mesmo ao ingresso desses na criminalidade? Por que a sociedade banaliza questões como essa que exigem um debate profundo?

Ronaldo Henn - Esta idéia de banalização ainda não está muito clara para mim. O que mais me preocupa na cobertura sobre crimes são as operações de enquadramento que, sobretudo, o jornalismo dispara. Os critérios de noticiabilidade e edição, que fazem como que determinados crimes pareçam ter mais importância do que outros, são algo que me assusta. A maioria daqueles quase 50 homicídios ocorridos em 2005 não ultrapassou o limite de pequenas notas noticiosas, sem nexos estabelecidos entre elas. Um único crime que tem como vítima alguém das classes abastadas ganha, no mínimo, meia página e uma chamada de capa. Há um hiperdimensionamento de questões como o aumento da criminalidade juvenil, que não condiz com o que apontam as pesquisas. A temporalidade de produção do noticiário é muito cruel, fazendo com que a própria mídia, na medida em que define valores, hierarquiza e mantém o silenciamento de camadas da sociedade historicamente silenciadas, se torne um agente de violência.

O que é o Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Violência?

O Grupo de Estudos Transdisciplinares sobre Violência foi criado em 2002 e funcionou até o ano de 2006. Neste período desenvolveu dois projetos: *Criminalidade e espaço urbano, as transversalidades da violência e Criminalidade e as(trans) mutações na cidade*. O segundo estudo contou com um diagnóstico sobre aspectos da criminalidade em São Leopldo, em parceria com a Secretaria Municipal de Segurança Pública.

O grupo era composto pelos pesquisadores Ronaldo Henn, professor do PPG em Ciências da Comunicação, Carmen Oliveira, professora de Psicologia e atualmente responsável pela sub-secretaria para assuntos de infância e juventude na Secretaria de Direitos Humanos do governo Lula, e por Maria Palma Wolff, professora de Serviço Social e Marta Conte, professora de psicologia e doutora em Psicologia Clínica.



"Há uma relação direta entre a violência e a questão socioeconômica"

Para Jair Krischke, um dos fatores que incentivam a violência no Vale dos Sinos é a diminuição dos postos de trabalho na indústria, numa região que recebeu muita migração por oferecer melhores condições de vida

POR ALESSANDRA BARROS

xiste uma forte corrente separatista que quer fazer do Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) um novo país. Um país de brancos. E, dizem mais, que São Paulo poderia participar desse novo país, desde que mande embora os nordestinos", declara o conselheiro do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH) Jair Krischke, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, sobre a origem da violência no Rio Grande do Sul.

Ativista dos Direitos Humanos, com atuação no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai, Jair Krischke também concedeu entrevista sobre a Operação Condor para o sítio IHU, em 01-02-2008. Em 1979, fundou o Movimento de Justiça e Direitos Humanos, principal Organização Não-Governamental ligada aos Direitos Humanos da Região Sul, e o Comitê de Solidariedade com o povo chileno. Confira a entrevista.



IHU On-Line - São Leopoldo, berço da civilização alemã no Rio Grande do Sul, está entre as dez cidades mais violentas do Estado, conforme dados da Secretaria de Segurança Pública, apresentando taxas recordes de assassinatos, com 63 homicídios. A que o senhor atribui esse aumento da violência no município?

Jair Krischke - Os dados não surpreendem. Essas ocorrências vêm crescendo nos últimos anos, especialmente no Vale dos Sinos. Trata-se de uma região que foi um pólo industrial de extrema pujança, muito desenvolvida, e oferecia muitos empregos. No entanto, com a crise da indústria calçadista (que também não é nova, apenas se repete), o desemprego foi massivo. Nos últimos anos, houve uma perda de postos de trabalho significativa. Após uma crise, novas tecnologias são em-

pregadas pelas indústrias, que acarretam a diminuição no número de postos de trabalho.

Um dos fatores que incentivam a violência no Vale dos Sinos é, portanto, a diminuição dos postos de trabalho na indústria, numa região que recebeu muita migração por oferecer melhores condições. Quando essas deixam de existir, a violência logo começa a crescer. Há uma relação direta entre a violência e a guestão socioeconômica. Exemplifico com o Plano Cruzado, do governo Sarney, que foi o momento em que realmente a massa salarial cresceu significativamente e o número de ocorrências policiais diminuiu em todo o Brasil, tanto em grandes cidades quanto nas pequenas. Os índices de violência diminuíram porque a situação econômica melhorou. Claro que outros fatores incidem, mas esse é um diagnóstico possível.

IHU On-Line - Conforme o diagnóstico, Porto Alegre teve um aumento de 57% nos assassinatos. Qual é a sua avaliação desses números?

Jair Krischke - Tenho uma restrição muito grande ao que titulam como homicídio. Já que, dificilmente, políticas de Estado têm o dom de influir. Quando o sujeito, no fim de semana, bebe demais e acaba matando a mulher ou o vizinho, temos o chamado homicídio de proximidade, pois ocorre na região em que a pessoa vive, na sua casa, na sua vizinhança, ou no bar em que frequenta. No Brasil, seguidamente, juntam o latrocínio com homicídio, ou seja, a morte ocasionada numa tentativa de roubo ou de furto. Neste caso. tem outra conotação. Os números, de qualquer forma, são realmente expressivos e estão crescendo. É importante considerar que uma cidade é violenta



quando comparamos os números de Porto Alegre e sua região metropolitana com os números de São Paulo, por exemplo. Já há um alarde. Os índices são desproporcionais, e os dados causam preocupação.

IHU On-Line - O crescimento da violência, como a atuação de grupos neonazistas como os skinheads, estaria ligada à colonização alemã no Rio Grande do Sul?

Jair Krischke - O relatório do governo norte-americano a respeito da situação das vítimas no mundo destaca esse episódio. No Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e parte do Paraná, temos uma situação bem particular. Trata-se de uma região de forte colonização alemã e que, em termos ideológicos, ficou parada no tempo. Ainda hoje, atuam inspirados na Alemanha nazista e apóiam o projeto de Hitler. Une-se a esse sentimento uma vertente racista e separatista. Existe uma forte corrente separatista que quer fazer do Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) um novo país. Um país de brancos. E, dizem mais, que São Paulo poderia participar desse novo país, desde que mande embora os nordestinos. Não é por acaso que temos em Porto Alegre uma editora neonazista, a Revisão Editora, de propriedade de Siegfried Ellwanger, que já recebeu corretivo da justiça do Rio Grande do Sul. Em 1996, esse cidadão foi condenado a dois anos de prisão por publicar livros neonazistas. A sentença foi até o Supremo Tribunal Federal e foi mantida. É o primeiro caso na América Latina que pune alguém por publicar livros racistas. Estes grupos neonazistas, separatistas, se utilizam das publicações dessa editora. Nos inquéritos policiais, no material apreendido pela polícia, são citadas as obras. Portanto, temos no estado este cenário muito propício a este pensamento exótico. Quando a juventude não tem perspectiva, até mesmo a parcela que chega à universidade, e percebe que mesmo com o diploma terá dificuldade de conseguir emprego, ela passa a conviver num caldo de cultura favorável a este pensamento. Então, passam a buscar um bode expiatório para justificar a situação. Aqui no Sul do Brasil, a perseguição acontece com negros e judeus. Temos o caso de um grupo anterior, em 2006, que não constam nesses relatórios, de uma banda de rock, chamada Zurzir, que recebeu a reprimenda por compor músicas de caráter neonazista. Tanto as autoridades policiais quanto judiciais têm dado resposta à altura.

IHU On-Line - Quais instituições deveriam trabalhar para mudar essa realidade? Para o senhor, a família, a escola e as igrejas estão cumprindo seu papel na sociedade?

Jair Krischke - Temos, hoje, um cenário em que a família, a escola e as igrejas estão falhando. Essencialmente, a violência é uma questão de educação e de cultura. Quando estas instituições faltam com o seu papel, imediatamente o conjunto da sociedade sente na

"Temos, hoje, um
cenário em que a
família, a escola e as
igrejas estão falhando.
Essencialmente, a
violência é uma questão
de educação e
de cultura"

própria pele o resultado. O que temos é a produção de uma cultura da violência. Tudo passa a se resolver através da violência. Sem dúvida nenhuma, estamos vivendo a cultura da violência em nosso país. Está na hora de a família parar para repensar a sua função com urgência. Existem casos em que os pais, que são jovens, inclusive alguns menores, avalizam a atitude de seus filhos. Em nossos relatórios, também constam pais com formação universitária. E temos exemplos de país de origem mais simples que pedem socorro, que guerem a intermediação para acesso a tratamento psicológico para combater essa enfermidade social, de escolher a violência como caminho. A escola abandonou o trabalho e o cultivo dos valores socialmente aceitos, de reforçar os valores da família. Já as igrejas estão ocupadas com inúmeras preocupações que estão distantes da formação moral e religiosa dos seus adeptos.

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação sobre pesquisa que revela que os brasileiros aprovam a tortura aplicada pela polícia brasileira?

Jair Krischke - Essa pesquisa realizada recentemente e publicada pelo jornal O Globo é assustadora. Divulga que na média 26% da população aceita tortura como forma de investigação. Ou seja, de cada grupo de quatro pessoas, uma aceita. Na classe média, que recebe até cinco salários mínimos, esta posição sobe para 52% os que aceitam tortura como forma de investigação, o que é alarmante. Mostra o desespero que a população brasileira se encontra clamando por segurança. As ruas das cidades brasileiras estão permeadas de violência, principalmente no centro do país, como Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio de Janeiro, a polícia é responsável por um número enorme de mortes. A polícia mata e também tortura. E não só como forma de investigação, mas também pelo mecanismo de corrupção na qual ela está envolvida, na disputa por pontos do tráfico de drogas. Trata-se de uma polícia que se corrompeu e que tortura. No Rio Grande do Sul, tivemos um episódio gravíssimo ocorrido na Serra Gaúcha, onde a polícia torturou, sendo que um dos jovens foi empalado. Mas, no estado, ainda há uma cultura bastante forte que impede a tortura sob qualquer justificativa. Nesse episódio, a polícia militar gaúcha, através do seu comando, imediatamente agiu e determinou a prisão de oficiais e de praças graduados. Houve uma ação imediata e instantânea, proibindo esse tipo de prática. No centro do país esse comportamento já não se repete. Exemplo desse cenário é o filme Tropa de elite, que não entendo como recebeu um prêmio no festival de cinema de Berlim. O filme exibe cenas de tortura e, segundo relatos, a platéia



"Temos no Brasil um número de efetivo nas empresas de segurança privada, legais e ilegais, ditas clandestinas, superior àquele envolvido na segurança pública"

aplaude esses momentos. É o retrato da loucura coletiva que a sociedade brasileira está acometida. Quando as pessoas se sentem inseguras, aceitam qualquer situação, pois não percebem que a próxima vítima de tortura serão elas próprias. Na medida que a violência cresceu, as pessoas foram se enclausurando em suas casas. Grades, cães, câmaras de TV foram adotadas na ânsia de obter proteção, ao invés de se cobrar das autoridades providências de segurança pública, a que todo o cidadão tem direito e o estado tem o dever de proporcionar. As pessoas fragilizadas passam a aceitar a tortura ignorando de que fatalmente isso irá voltar-se contra elas próprias. Um equívoco. Precisamos cobrar aquilo que as autoridades têm o dever de dar e nós cidadãos o direto de exigir: segurança pública.

IHU On-Line - Como vencer a crise na Segurança Pública?

Jair Krischke - O problema é tão grave que a segurança privada merece um capítulo à parte, pois as pessoas e as empresas passaram a se valer da segurança privada. Os cidadãos que têm recursos pagam pela segurança e pensam estar seguros. O empresário esquece que se expõe ao sair da sua empresa para casa. Temos, no Brasil, um número de efetivo nas empresas de segurança privada, legais e ilegais, ditas clandestinas, superior àquele envolvido na segurança pública. As empresas de segurança privada têm efeito maior do que a soma de todas as polícias militares, civis e federal. Mesmo assim, o problema não está resolvido. No Rio Grande do Sul. temos uma polícia civil com efetivo de cinco mil polícias para todo o estado. Um efetivo menor do que tínhamos há 40

anos, quando a população era muitíssimo menor. Na Brigada Militar, temos uma defasagem de cerca de 10 mil homens. Torna-se impossível promover segurança sem equipamento e efetivos capazes e treinados. Lembro que coronéis da Brigada Militar já clamavam por coletes à prova de bala, por munição, armamento e viaturas. Hoje, esses coronéis pedem projetos sociais que ajudem a população a se apartar do mundo do crime. Estão conscientes de que, se não tratarmos a questão social, a segurança pública jamais solucionará o problema. É preciso uma ação social forte por parte dos governos, além de fornecimento de equipamento e de efetivo capacitado para os organismos de segurança pública para, assim, combater a violência.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o debate na imprensa sobre Maioridade Penal e Pena de Morte, após divulgação de 12 mortes assumidas por um adolescente de 16 anos, em Novo Hamburgo?

Jair Krischke - Dentro de um curto espaço de tempo, o fato ter assassinado 12 pessoas, motivado por vingança, deixa claro que se trata de uma pessoa doente. E é dessa forma que esse jovem deve ser visto pela sociedade. Evidente que essa patologia é produto da mesma sociedade, que se revolta por pura emoção. Quando avaliamos as leis no país, não podemos pensar em casos pontuais, pois não podemos criar leis para cada momento que a sociedade é atingida de uma forma brutal. A lei deve ser clara, pontual e proteger a sociedade como um todo. Não é o melhor momento para se pensar em leis, especialmente para baixar a idade da imputação penal. Temos que examinar se a medida educativa deve ser apenas de três anos, mas não concordo com a diminuição da idade penal. Amanhã ou depois, iremos discutir para baixar a idade penal de 16 para 14, e quem sabe, futuramente, de 14 para 12. No entanto, não vamos solucionar o problema.

"Pena de morte no Brasil é impossível"

Já falar em pena de morte no Brasil é impossível. A constituição do Brasil, com a cláusula pétrea, veda expressamente a adocão da pena de morte. O Brasil é firmatário de convencões internacionais, especialmente da Convenção Americana de Direitos Humanos, o Pacto de San Rose, que impede os países do pacto sem pena de morte de reintroduzi-la. Somente um tribunal infalível poderia condenar alguém à morte. Não existe no mundo tribunal que possa ser infalível. Além disso, quem confia na polícia e no judiciário que nós temos? Quando se fala em pena de morte em nosso país, se é tocado pela emocão. A razão nos mostrará que, sendo a pena de morte uma pena que não se pode retroagir, o erro não pode ser mais reparado.

Os países que adotaram essa drástica medida se deparam, diariamente, com erros. Após o condenado passar anos no aguardo da pena de morte, é comum constatarem que houve erro do judiciário. Injustiça comum nos Estados Unidos, com polícia muito mais qualificada que a nossa e judiciário menos assoberbado do que o nosso.

Algumas pesquisas afirmam que países que adotavam a pena de morte e depois a aboliram, como a Áustria, os crimes hediondos diminuíram sensivelmente. E, em países onde não existia a pena de morte e a adotaram, eles não sofreram nenhuma alteração, e até cresceram. Conforme pesquisa multidisciplinar realizada nos Estados Unidos, a cada momento de execução nos estados americanos que utilizam a pena de morte, aumenta o número de crimes hediondos. A partir dessa constatação, a equipe percebeu que, no período da execução do criminoso, a imprensa repercute a notícia e pessoas portadoras de patologias acabam cometendo crimes, na ânsia de ter o seu momento de glória e de aparecer



na imprensa. Atualmente, nos Estados Unidos, a cada execução, aumentam o número de crimes com essas características em decorrência dos enfermos dessa sociedade que, ao serem provocados pelo noticiário, acabam cometendo a mesma violência.

IHU On-Line - A origem do problema está na fragilidade da educação e das condições de vida?

Jair Krischke - Que sociedade é esta que cobra do indivíduo aquilo que não lhe deu? Trata-se de uma sociedade que sonegou educação, alimentação e condições de vida dignas. Certamente, esse jovem nasceu em um lar de enormes carências, pois o menor carente, em geral, é fruto de um lar de maiores carentes. Além disso, por falta de uma alimentação adequada, na infância, teve significativo número de neurônios comprometidos, marcando indelevelmente a sua vida. Trata-se de uma sociedade que sonegou saúde pública, oportunidades, frente a um comportamento agressivo, cruel e reprovável. Uma sociedade que quer cobrar aquilo que não ofereceu quando se fazia necessário e vital.

IHU On-Line - Qual é a estrutura disponível para recuperá-lo?

Jair Krischke - O estado brasileiro, assim como o Rio Grande do Sul, é muito carente de recursos. Essas pessoas ficam guardadas em depósitos, de menores e de maiores. Precisamos questionar se os peritos terão condições de dizer se essa pessoa poderá conviver socialmente. Se, por apresentar grave patologia, não poderá ser privado do convívio social? O estado, na sua precariedade em dar a atenção devida a essas pessoas, acaba punindo. Não vejo, nas instituições, estrutura capaz de atender casos graves como esse. Mede-se essa falta de estrutura já nos desvios de conduta de menor importância. Esses menores ficarão três anos jogados, depositados, e, após esse período, serão libertados para praticarem os mesmos ou até crimes piores. No Brasil, o Código Penal é aplicado com rigor, mas as leis de execucões penais e o próprio Estatuto do Menor e do Adolescente responsabilizam o estado por uma série de atividades que não são cumpridas.

Como não perder ou sacrificar as conquistas da revolução? Eis o desafio

"Quando a violência passa a ser uma estratégia de reconhecimento social, é porque as possibilidades desse acesso à dignidade pessoal se apresentam esgotados", afirma Carlos Gadea

POR PATRICIA FACHIN

violência do estado tem um combustível inevitável: a posse de armas de fogo por um número muito grande de pessoas", diagnostica o sociólogo Carlos Gadea. Além da cultura do armamento, outros fatores contribuíram para que o município de São Leopoldo ficasse classificado entre os dez municípios mais violentos do estado. De acordo com o pesquisador e professor do PPG em Ciências Sociais da Unisinos, dois aspectos devem ser levados em consideração: "os constantes movimentos migratórios para esta região" e a "concentração populacional nesta região do estado". Ele ressalta que condições mínimas de conforto e convívio social têm "detonado processos cíclicos de violência", que se estendem desde ações de delingüência até agressões intrafamiliares.



Gadea é mestre e doutor em Sociologia Política, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estudos e pesquisas no Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) Berlin, Alemanha, e na Facultad de Ciencias Políticas y Sociales da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México. Atualmente, além de professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos, Gadea é editor da Revista *Ciências Sociais* da universidade.

IHU On-Line - Como compreender a violência que assola o Rio Grande do Sul, principalmente a região metropolitana? Podemos estabelecer alguma relação entre essas ações de violência e a colonização germânica e italiana que serviram de base para a colonização do estado?

Carlos A. Gadea - Não me parece razoável relacionar a violência urbana atual com processos migratórios de várias décadas atrás. Pelo menos, não de forma direta. A violência do estado tem um combustível inevitável: a posse de armas de fogo por um número muito grande de pessoas e a cultura do armamento que a sustenta. Por outro lado, isso tem relação com dois fatores muito específicos, principalmente quando pensamos na região metropolitana: a) os constantes movimentos migratórios para esta região, de



"A violência urbana reconhece um padrão específico de sociabilidade que expressa uma ordem social concreta, muito mais do que um conjunto de comportamentos isolados"

pessoas em busca de melhores condicões de vida, que se relaciona com o desejo de viver numa região de mais amplas possibilidades educativas, culturais e de ascensão social; b) a concentração populacional (densidade demográfica) nesta região do estado. Por exemplo, segundo o IBGE, a cidade de São Leopoldo tem 2.030 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto que o município de Rio Grande1 (com população numericamente semelhante) tem apenas 70 habitantes por quilômetro quadrado.2 Isto pode ser um fator explicativo, já que, quanto mais pessoas estiverem juntas, as probabilidades do conflito, a intolerância e o consumismo são crescentes. Mas, fora os aspectos econômicos e sociais de exclusão sócio-espacial evidentes, e fora este aspecto da densidade demográfica, gostaria de chamar a atenção para uma "cultura do armamento" que parece legitimar, perversamente, qualquer diagnóstico sobre o aumento da violência no estado.

IHU On-Line - O senhor diz que o aumento da violência na região está diretamente ligado à concentração populacional. Como o processo mi-

1 Rio Grande é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul. É a cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, tendo sido por muito tempo a capital do estado. Foi fundada em 1737 pelo Brigadeiro José da Silva Pais, e elevada à condição de cidade em 1835. Está situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, entre as Lagoas Mirim e dos Patos (a maior do Brasil) e o Oceano Atlântico. (Nota da IHU On-Line)

gratório tem influenciado diretamente nessa questão? Traçando um paralelo entre a década de 1990 e o momento atual, que mudanças são evidentes nessa área?

Carlos A. Gadea - Há um dado muito interessante no estado que pode exemplificar esta questão. A concentração da população se dá, majoritariamente, no que eu denomino "corredor urbano BR-116", ou seja, no contexto de cidades que se vêm atravessadas por essa via de circulação. Como podemos deduzir, esta estrada é sintomática do significado do processo de modernização econômica do estado, em torno das indústrias de grande magnitude e que, consequentemente, têm recebido mão-de-obra de características variadas. O processo migratório ocorrido no final dos anos 1980 e nos anos 1990 é um fator muito ponderável na hora de falarmos sobre violência, pois as condições de vida e a infra-estrutura urbana para receber tal contingente de população não conseguiram acompanhar o processo. A falta de espaços públicos, como grandes parques, são exemplos das carências urbanas mais evidentes. Esse tipo de carência, somada às mais elementares condições mínimas de conforto e convívio social, tem detonado processos cíclicos de violência, ora sob a forma de delingüência e roubo, ora sob a forma de criminalidade e de violência intrafamiliar. Nesse sentido, o processo migratório mais tardio, e não aquele concebido como "clássico" no estado (italianos e alemães), é o que deve ser observado com majores detalhes.

IHU On-Line - São Leopoldo é um dos dez municípios mais violentos do Rio Grande do Sul. Como explicar essa situação numa cidade universitária? Carlos A. Gadea - A cidade de São

Leopoldo não pode ser entendida tão simplesmente como cidade universitária. Prefiro denominá-la como "cidade em trânsito", cuja identidade cada vez mais vai se delineando de acordo com uma polarização sócio-espacial muito evidente. Esta polarização se relaciona com a perda ou a ausência de certos referentes identitários o suficientemente legitimados pelos que a habitam. Quero dizer que a sua identidade, construída sobre a germanidade dos seus primeiros colonizadores ou a partir da concepção socioeconômica como "pólo industrial", não parece suficientemente convincente. Existem mudanças curiosas que podem nos ajudar a refletir. Fora questões acerca da sua identidade (elemento de indubitável coesão social), São Leopoldo é uma cidade com: a) um centro urbano que concentra as principais atividades da cidade, centro que, por sinal, é pequeno em relação a seu espaço físico geral; b) escassas possibilidades de visibilidade de uma população heterogênea devido ao reduzido espaço para isso. O exemplo é que, aos domingos, a principal rua da cidade, a Independência, vê-se invadida por uma cultura do lazer muito curiosa, sem possibilidades reais para um convívio menos "invasor" entre aqueles que a freqüentam. Quando o espaço por excelência de visibilidade e sociabilidade parece ser, de forma crescente, uma pequena rua do centro, uma cidade pode começar a se perguntar qual o tipo de sociabilidade e cultura cidadã está construindo. Nesses espaços, as instâncias para a aceitação da diferença se tornam muito raras, já que o ambiente parece reclamar estratégias contrárias: a demarcação de um local próprio num reduzidíssimo espaço coletivo. Aí não pode haver possibilidades de se encontrar e contrapor diferentes estilos de

² O entrevistado faz a comparação entre esses dois municípios gaúchos com base nos números do Mapa da Violência dos Municípios brasileiros - 2008, desenvolvido pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Justiça, e do Relatório das Cidades mais violentas do Rio Grande do Sul de 2007, desenvolvido pela Secretaria de Segurança do Estado. Neste último documento, São Leopoldo e Rio Grande aparecem como as cidades mais e menos violenta do estado do Rio Grande do Sul, respectivamente. (Nota da IHU On-Line)



vida, fórmula essencial do convívio, nem a redução de situações de violência.

IHU On-Line - Que outros aspectos são relevantes para compreender a origem dos conflitos urbanos na sociedade nacional e gaúcha?

Carlos A. Gadea - Não é possível compreender a violência como sinônimo de delinqüência ou de criminalidade. Trata-se de uma representação social. A violência é uma "linguagem coletiva", uma prática que pode outorgar sentido a uma determinada experiência vivida no meio urbano. Delimita uma variedade de situações de conflito. Assim, cresce a violência urbana. Entretanto, é necessário observar que tipo de violência realmente cresce para tentar compreendê-la e, eventualmente, encontrar alguma solução para ela.

A violência doméstica em crescimento delineia um tipo de violência muito diferente daquela provinda dos roubos, por exemplo, e que, então, nos diz muito sobre as relações sociais existentes em um determinado espaço urbano. Assim, lógicas diferentes devem ser acionadas para tentar combatê-las. Por isso, é bom considerar que a violência urbana reconhece um padrão específico de sociabilidade que expressa uma ordem social concreta, muito mais do que um conjunto de comportamentos isolados. Toda ameaça à integridade física ou moral surge de um repertório de práticas sociais, e não de ações individuais. Com isto, quero chamar a atenção para a necessidade de compreender que a

"A posse de armas traz uma responsabilidade muito maior do que a de comprar um pirulito. São direitos impossíveis de compatibilizar"

violência e o seu crescimento só são possíveis por uma base de sustentação sociocultural que a torna prática social: a cultura do armamento e o fácil acesso de armas para os jovens. Devese entender que o aceso a armas não pode ser considerado no repertório de direitos individuais gerais. A posse de armas nos traz uma responsabilidade muito maior do que a de comprar um pirulito. São direitos impossíveis de compatibilizar.

IHU On-Line - É possível relacionar o comportamento violento das pessoas com o intenso ritmo de vida da sociedade contemporânea?

Carlos A. Gadea - Com certeza. A violência também é produto das frustrações pessoais e coletivas contemporâneas, produto da falta de visibilidade e reconhecimento social, da redução de vínculos afetivos com o espaço habitado e com os demais. IHU On-Line - A falta de estrutura e amparo do Estado são fatores complacentes para o aumento da violência? Esse sentimento de exclusão fortalece a excitação pela violência nas comunidades, gerando, por exemplo, conflitos internos entre os próprios membros?

Carlos A. Gadea - Creio que os enfoques acerca da frustração pessoal e coletiva pode nos auxiliar nisto. Atualmente, diferente de outros tempos, é possível assistir a uma "violência estrutural-simbólica". Nela, lógicas situacionais de conflito, nas quais as frustrações emanadas do escasso ou nulo aceso a "bens simbólicos" (convertidos em bens de reconhecimento intersubjetivo, dignidade pessoal e conteúdos políticos de projeção identitária), se transformam em motores da violência e, eventualmente, em atos de delingüência concreta. Quando a violência passa a ser uma estratégia de reconhecimento social, é porque as possibilidades desse acesso a dignidade pessoal se apresentam esgotados.

"A violência também é produto das frustrações pessoais e coletivas contemporâneas, produto da falta de visibilidade e reconhecimento social, da redução de vínculos afetivos com o espaço habitado e com os demais"

IHU On-Line - Levando em consideração as reivindicações dos movimentos sociais, até que ponto ações de violência podem justificar a luta por interesses coletivos?

Carlos A. Gadea - A violência é uma linguagem, e, como tal, pode ser porta-voz de demandas não satisfeitas. A legitimidade ou não disso não é algo que nos deve preocupar. Se for conseqüência de uma racionalidade prática de um movimento social, deve-se tentar compreender o sentido que ela tem.



Repressão para reduzir homicídios

Para Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa, "São Leopoldo é carente de uma atividade de repressão efetiva, sobretudo, no tráfico de drogas"

POR ALESSANDRA BARROS

m São Leopoldo, desde 2000, acompanhamos os homicídios em parceria com a Unisinos. E detectamos o aumento das ocorrências", afirma o delegado de Polícia Civil do Rio Grande do Sul e Secretário Municipal de Segurança Pública de São Leopoldo, Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa. Ele declara, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, que o aumento dos homicídios no município não surpreende. Entre os fatores que alega interferir diretamente nos altos índices de violência, cita as deficiências estruturais existentes nas polícias. "Acredito que, com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), que visa à integração de políticas de segurança pública com atividades sociais, poderemos garantir o aporte de recursos e estruturar as polícias estaduais que atuam na cidade", afirma o secretário de segurança.

Sant'Ana é graduado em Direito e Jornalismo, ambos os cursos realizados na Unisinos. Atuou como delegado de Polícia em diversos municípios gaúchos, foi chefe de gabinete do chefe de polícia em 2000 e 2001, ao mesmo tempo em que respondeu pelo Serviço de Informações Especiais (SIE) da Polícia Civil. Entre 2000 e 2002, lecionou a disciplina de Direito Penal no curso de Formação Básica para Servidores da Segurança Pública. Atuou, em 2002, como diretor do Departamento de Inteligência e Assuntos Estratégicos (DIAE) da Secretaria da Justiça e da Segurança do Rio Grande do Sul. Em 2003, foi coordenador-geral de Planejamento Estratégico em Segurança Pública, Programas e Projetos Especiais da Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP) do Ministério da Justiça. Além disso, foi Delegado Regional da 17ª Região Policial, que inclui oito municípios, em 2004.

Confira uma entrevista concedida por Sant'Ana para a revista **IHU On-Line** na edição número 158, de 3 de outubro de 2005, que teve como tema de capa o debate sobre o desarmamento, e uma sobre a violência em São Paulo, publicada no sítio do IHU em 16-05-2006.

IHU On-Line - De acordo com o relatório de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, São Leopoldo somou 63 homicídios no ano passado, ficando entre as 10 cidades mais violentas do estado. A que o senhor atribui esse aumento do número de homicídios no município?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa -Em São Leopoldo, desde 2000, acompanhamos os homicídios em parceria com a Unisinos. Desde 2006, passamos a fazer a análise qualitativa das ocorrências e firmamos uma parceria com a delegacia de polícia para receber as ocorrências de homicídios no município. Detectamos um aumento dos homicídios, sobretudo no segundo semestre de 2006. Em 2007, houve uma ligeira queda nas ocorrências, comparando o primeiro semestre com o segundo. Foram registrados 37 homicídios no primeiro e 31 no segundo. Atribuímos esse crescimento ao tráfico de drogas em São Leopoldo e região.

A partir desse diagnóstico, colocamos em prática atividades preventivas. Mas, para superarmos nossas limitações, principalmente da Brigada Militar, é prioridade alavancar investimentos para as polícias por parte do governo estadual. Ainda faltam recursos, viaturas, equipamentos e pessoal capacitado. Acredito que, com o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci¹), que visa à

¹ Desenvolvido pelo Ministério da Justiça, o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) é um projeto do Governo Federal que articula políticas de segurança com ações sociais; prioriza a prevenção e busca atingir as causas que levam à violência, sem abrir mão das estratégias de ordenamento



integração de políticas de segurança pública com atividades sociais, poderemos garantir o aporte de recursos e estruturar as polícias estaduais que atuam na cidade. Além disso, percebemos a ausência de uma atividade de repressão efetiva, sobretudo no tráfico de drogas.

IHU On-Line - Como combater a violência? O senhor acredita na eficiência do Sistema Único de Segurança Pública do governo federal?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - No Sistema Único de Segurança Pública (SUSP), forma de operação estratégica das políticas do Pronasci, atuamos de maneira integrada em todas as áreas, tanto na prevenção quanto na repressão, unindo municípios, governos estadual e federal, numa única política. Acreditamos que o SUSP seja a solução. Em São Leopoldo, a secretaria foi criada ainda em 2005. Desde 2006, desenvolvemos o programa Comunidade Segura. E, agora, incluímos nosso projeto no Pronasci, que justamente trata desse conceito de Sistema Único de Segurança Pública.

A partir do projeto municipal, estamos buscando recursos para investimento nas polícias civil e militar, para que possamos colocar em prática essas questões integradamente, desde a prevenção até a repressão, quando se fizer necessária. Com a aplicação desse programa e com ações mais efetivas de repressão em São Leopoldo, acredito que haverá queda nos índices de homicídio.

IHU On-Line - Quais projetos sociais e ações de repressão estão sendo colocados em prática para trabalhar a prevenção e o combate à violência em São Leopoldo?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - No município, 17 mil pessoas já são atingidas pelas oficinas de prevenção, muitas delas em parceria com a Unisinos. São oficinas pedagógicas, profissionalizantes, algumas esportivas, entre outras atividades específicas, nas quais o tema da violência é permanente. Inclusive, oferecemos uma

social e segurança pública. Entre os principais eixos do Pronasci destacam-se a valorização dos profissionais de segurança pública; a re-estruturação do sistema penitenciário; o combate à corrupção policial e o envolvimento da comunidade na prevenção da violência. (Nota da IHU On-Line)

"Por mais boa vontade que os comandantes e delegado regional tenham, não possuem estrutura capaz de atender a demanda da criminalidade"

oficina específica para tratar de violência doméstica e da exploração infanto-juvenil. Esse trabalho envolve uma equipe formada por pedagogos, diretores e professores de escolas e visa capacitá-los para que identifiquem a violência doméstica no ambiente escolar e no município. A partir dessa ação, poderemos intervir com políticas sociais efetivas.

A guarda municipal passou por uma reestruturação e hoje conta com maior mobilidade, abandonando o mero papel de vigilante patrimonial. Temos condições de promover a ronda escolar, de garantir segurança nas praças centrais, além de proteger os prédios públicos, função principal das guardas municipais.

Dispomos ainda do Programa de Acolhimento na primeira e na terceira delegacias de polícia. A intenção é acolher, da melhor forma possível, as vítimas de todos os tipos de violência. É uma maneira de amenizar o trauma da vítima, já que, em alguns casos, a violência se concretizou e não podemos evitar. Pelo menos, guando a vítima procurar o apoio da polícia terá um atendimento especial, sobretudo de jovens e mulheres vítimas de violência. Essas pessoas ainda recebem todas as informações necessárias a respeito de servicos públicos. O objetivo é reduzir o dano sofrido, tanto físico quanto psicológico.

Sistema Integrado de Monitoramento

Outra iniciativa que estamos constituindo integradamente com as polícias é o Sistema Integrado de Monitoramento. Inaugurado há um mês, foram instaladas 27 câmeras em todas as áreas da cidade, procurando reduzir esse índice dos chamados crimes de oportunidade, furtos e roubos praticados em via pública. A ação envolve furtos e roubos de veículos e de pedestres, na área central e também na periferia da cidade.

E, uma última iniciativa, é o Gabinete de Gestão Integrada (GGI). Reunimos mensalmente oito secretarias do município com poder de polícia administrativa, ou seja, que têm algum tipo de fiscalização das posturas municipais, representando o gabinete do prefeito, a promotoria do município e a secretaria municipal de seguranca pública. São onze instituições municipais que se reúnem mensalmente com representantes das polícias civil, militar, federal (delegado de Porto Alegre), rodoviária federal, bombeiros, conselhos tutelares, bombeiros, e eventualmente até, dependendo do caso, o Ministério Público. O grupo tem por objetivo discutir ações emergenciais e necessárias para o município.

IHU On-Line - Na sua opinião, há uma incompatibilidade entre ações policiais e ações sociais? Como integrar essas duas frentes para inibir a criminalidade?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - Existe um descompasso entre acões sociais e policiais. As polícias estaduais carecem de recursos estruturais. Temos a Brigada Militar com problema crônico de sede. Faz parte da história do município essa carência. Há alguns anos, a Brigada Militar chegou a ser despejada do prédio. Hoje, ocupa área também em uma situação precária. Esse caso é exemplo da falta de estrutura que temos aqui. É muito grande a carência de pessoal. Temos, hoje, 17 estagiários da prefeitura trabalhando nas delegacias de polícia, no quartel da Brigada Militar. Esses estagiários liberam os policiais que estão em funções administrativas para atuarem na rua. Essa é uma solução muito precária para o tamanho do problema. Então, há uma desestruturação. Existe um descompasso entre a atividade preventiva que estamos implementando no município e a contrapartida das polícias



estaduais. Por mais boa vontade que os comandantes e delegado regional tenham, não possuem estrutura capaz de atender a demanda da criminalidade.

IHU On-Line - Para o senhor, a crise econômica na região do Vale dos Sinos² colaborou para o aumento da violência em São Leopoldo?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - Sim. Em São Leopoldo, temos exemplos de áreas da cidade afetadas pelo fechamento de empresas, pela crise financeira, o que provocou, num primeiro momento, desemprego e, consequentemente, começou a produzir a degradação dessas áreas. Percebe-se a queda no valor dos imóveis de venda e locação e as pessoas passam a se afastar dessas áreas. No momento em que elas deixam de ocupar o espaço público, abrem espaço para que essas áreas passem a ser ocupadas por atividades de delinqüência, como prostituição (que não é crime, mas que acarreta na exploração sexual infanto-juvenil) e tráfico de drogas, situações que se afirmam na comunidade, e formam um círculo vicioso. Sem dúvida, isso gera condições de vulnerabilidade para a população local. São Leopoldo tem áreas em que o aumento da criminalidade está intimamente ligado à crise econômica.

IHU On-Line - Qual é o objetivo da implantação do sistema de câmeras vigilantes no município? Para quais tipos de delitos ela funciona?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - No caso dos homicídios, as câmeras não fazem diferença. Mas, no caso de furtos e roubos em vias públicas, onde há atuação das câmeras, esses delitos tendem a diminuir consideravelmente. Esse resultado foi percebido em Novo Hamburgo e em Porto alegre. Também detectamos o recuo desse tipo de crime em São Leopoldo, após a implantação do sistema. Nas áreas de maior vulnerabilidade da população a furtos e roubos, com comércio intenso e grande fluxo de pessoas, as câmeras tendem a reduzir a criminalidade. Com a divulgação das ações da polícia sobre as prisões efetuadas a partir da identificação da atividade crimino-

2 Sobre o tema, confira a edição número 225 da IHU On-Line, de 25-6-2007, intitulada "Vale do Sinos em crise. Diagnóstico e perspectivas". (Nota da IHU On-Line)

sa pela câmera de vigilância, gerou-se uma certa cautela nas atividades de delinqüência, pois as câmeras produzem uma prova contra o autor.

IHU On-Line - Para o senhor, a posição geográfica de São Leopoldo, localizada na região Metropolitana de Porto Alegre, influencia nos índices de violência?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - Essa influência se dá em qualquer região metropolitana. Em 2003, a Secretaria Nacional de Segurança Pública realizou um levantamento de homicídios, a partir de dados de 2002. A pesquisa não foi aplicada junto às policias, mas a partir dos registros de homicídios no Ministério da Saúde, no Sistema Único de Saúde (SUS). Conforme o estudo, metade dos homicídios ocorridos em

"São Leopoldo tem áreas em que o aumento da criminalidade está intimamente ligado à crise econômica"

2002 aconteceu em apenas 27 cidades do país. O que elas tinham em comum? Todas estavam em regiões metropolitanas. É característico dessas regiões o fato de serem desenvolvidas, de terem uma grande massa populacional, serem amplamente urbanizadas, e sem uma definição de divisas muito clara entre os municípios, o que permite a fácil migração do crime entre uma cidade e outra.

IHU On-Line - Existe intercâmbio de informações do município com as demais cidades do Rio Grande do Sul? Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa - Sou integrante do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. E mantemos uma relação muito estreita com outros municípios que possuem políticas de segurança pública.

Quando iniciamos o debate da implantação do sistema integrado de monitoramento, pesquisamos projetos e resultados em várias cidades brasileiras e até mesmo fora do país. Quando se fala em políticas municipais de segurança pública, destaco, como exemplos, as cidades colombianas de Bogotá e Medellín, que reduziram drasticamente seus índices de homicídios a partir de iniciativas municipais. É claro que, quando se fala em ações de fora do país, é preciso analisar com cuidado, pois é importante levar em consideração as realidades legais e sociais que, muitas vezes, são bem diferentes da brasileira. No caso de Bogotá, é importante destacar que a Colômbia é um país que possui uma polícia federal que está subordinada aos prefeitos, às lideranças locais. Então, o prefeito de Bogotá pode constituir uma política que atende a prevenção, inclusive, com programas de saúde social, exames de prénatal para crianças e mães em situação de risco, e até a repressão da violência, já que o prefeito também coordena a polícia e dispõe dos recursos, diferente da realidade brasileira. No Brasil, precisamos fazer essa integração através da política.

IHU On-Line - Quando a população poderá ver o resultado das ações de segurança pública?

Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa -Já é possível notar a melhora. O que houve foi um agravamento no número de homicídios. De uma maneira geral, temos muitas ações que estão produzindo resultados, como as questões da violência doméstica, da exploração infanto-juvenil, e uma diminuição de furtos e roubos com o Sistema Integrado de Monitoramento (SIM). As nossas ações de prevenção são de médio e longo prazo. Oficinas na rede de ensino para crianças de 8 a 10 anos trabalham sobre trânsito; produzimos uma cartilha para divulgação; a guarda atua na rua, evitando a violência e a criminalidade, socorrendo as pessoas, promovendo o policiamento das escolas e dos prédios públicos. E tudo isso produz uma melhoria nas condições de vida da população e, especificamente, da vulnerabilidade das pessoas à violência.



Diagnóstico detecta principais causas da violência em Novo Hamburgo

Para a professora Cássia Rebelo Hofstätter, a população tem receio de falar sobre a violência no seu bairro por medo de represálias

POR ALESSANDRA BARROS

a opinião dos entrevistados, ficou evidente que o desemprego, o tráfico, o uso de drogas e a desestruturação familiar foram destacados como as principais causas da violência", enfatiza a professora Cássia Rebelo Hofstätter, coordenadora do Centro de Pesquisa e Planejamento (CPP) da Feevale, também responsável pela pesquisa que formatou o Diagnóstico da Criminalidade do Município de Novo Hamburgo, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Segundo ela, analisando o perfil das vítimas de homicídio do município, percebeu-se que a arma de fogo é o instrumento utilizado na maioria dos casos, ocorridos durante a noite, e que a maior parte das vítimas é composta por jovens entre 21 a 30 anos, sendo que em 30,6% dos casos foi encontrado álcool no sangue delas. Cássia também é graduada em Administração de Empresas pela Feevale, Especialista em Marketing e Vendas pela mesma instituição, e atualmente faz Mestrado em Administração na Unisinos. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação do diagnóstico sobre a criminalidade em Novo Hamburgo (RS)?

Cássia Rebelo Hofstätter - O objetivo principal da realização do diagnóstico era trazer informações da violência de alguns delitos específicos da cidade de Novo Hamburgo (RS) para que a prefeitura realizasse, a partir delas, o plano de segurança municipal e promovesse ações que amenizassem os índices de violência no município. O diagnóstico da criminalidade realizado no município foi um grande desafio para o Centro de Pesquisa e Planejamento (CPP) da Feevale. Exigiu, além de planejamento, discussões com a equipe envolvida e um amadurecimento dos conceitos que envolvem a criminalidade. Tivemos algumas dificuldades ao longo da construção do diagnóstico, principalmente a de conseguir alguns dados, por serem sigilosos e em razão de a população também ter receio de falar sobre a violência no seu bairro,

"Na análise dos registros de ocorrências de todos os bairros da cidade de 2002 a 2006, foram analisados 33.867 registros de fatos consumados dos crimes contra o patrimônio (furto e roubo) e crimes contra a pessoa (lesão corporal e homicídio)"

por medo de represálias. As informações obtidas no diagnóstico são muito importantes para a realização de ações em benefício da comunidade.

IHU On-Line - O que a motivou a realização da pesquisa? Qual foi o ponto de partida no recolhimento dos dados?

Cássia Rebelo Hofstätter - No final de 2006, o CPP foi contrato pela Secretaria de Segurança da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo para realizar o diagnóstico, com o objetivo de servir como fonte de informações para a realização do Planejamento de Segurança do município. Após a contratação do CPP pela prefeitura, a primeira ação foi formar uma equipe para planejar o diagnóstico, composta por profissionais do CPP (fiquei responsável pelas etapas das pesquisas e organização do diagnóstico), especialistas em pesquisa de Marketing (profissionais de MKT, metodologia de pesquisa, estatísticos e entrevistadores, para a realização das



"Foram analisados 33.867 registros de fatos consumados dos crimes contra o patrimônio (furto e roubo) e crimes contra a pessoa (lesão corporal e homicídio).

O homicídio foi o único delito especificado e sobre o qual foi feita uma análise mais aprofundada"

entrevistas e coleta de dados). Além da equipe do CPP, participaram uma socióloga (pesquisadora do tema violência), uma economista, a equipe da Secretaria de Segurança da Prefeitura de Novo Hamburgo e representantes da Guarda Municipal, da Brigada Militar e da Polícia Civil. Tivemos, também, a participação do Capitão da Guarda Municipal, Ilson Krigger, também pesquisador do tema violência e que nos auxiliou em todo o diagnóstico.

O estudo foi dividido em cinco etapas: 1) contextualização da violência (estudo dos principais conceitos); 2) pesquisa realizada com a população de Novo Hamburgo; 3) análise das ocorrências registradas no município de 2002 a 2006; 4) entrevistas com formadores de opinião sobre o assunto; e 5) consulta de informações obtidas em alguns projetos realizados pela Secretaria de Trabalho, Cidadania e Assistência Social da Prefeitura de Novo Hamburgo.

A pesquisa envolveu um universo de 71.085 domicílios, com amostra de 1054 entrevistas segmentadas por quotas de idade, sexo, renda e bairro (conforme dados do IBGE). A coleta de dados partiu de entrevistas domiciliares feitas por uma equipe de entrevistadores do CPP, realizadas entre os meses de janeiro e abril de 2007.

Na análise dos registros de ocorrências de todos os bairros da cidade de 2002 a 2006, foi utilizada, como fonte, a Secretaria de Segurança do Rio Grande do Sul. Foram analisados 33.867 registros de fatos consumados dos crimes contra o patrimônio (furto e roubo) e crimes contra a pessoa (lesão corporal e homicídio). O homicídio foi o único delito especificado e sobre o qual se fez uma análise mais aprofundada. Já na fase de entrevistas em profundidade com forma-

dores de opinião sobre o assunto, foram entrevistados dois formadores de opinião na cidade, o jornalista Aurélio Decker e o Corregedor da Guarda Municipal Ilson Krigger. Por meio das entrevistas, foi possível entender algumas causas da violência.

Na consulta de informações obtidas em alguns projetos realizados pela Secretaria de Trabalho, Cidadania e Assistência Social da Prefeitura de Novo Hamburgo, foram analisados projetos sociais realizados pela prefeitura e outros dados registrados pela Secretaria de Segurança. O diagnóstico foi realizado por uma equipe qualificada, que se reunia semanalmente para discutir a construção do mesmo e os dados que eram obtidos. A formação dessa equipe foi bastante importante e o trabalho, realizado de novembro de 2006 a agosto de 2007.

IHU On-Line - Quais são os principais tipos de criminalidade que acontecem nos bairros do município?

Cássia Rebelo Hofstätter - Na pesquisa descritiva realizada com a população, foi possível detectar que a maioria caracteriza a violência como sendo o roubo (74,6%). Grande parte dos entrevistados sofreu alguma violência ou conhece alguém que tenha sofrido. 40,9% afirmaram que eles próprios já sofreram alguma violência, sendo que 65,8% dos mesmos já foram roubados e 65% registraram a ocorrência. O bairro que se destacou foi o de Canudos¹.

Analisando o registro de ocorrências, percebeu-se que, nesse bairro, o furto teve um número de registros mais acentuado no ano de 2003. Já o roubo teve um aumento em 2006, se compararmos em relação aos outros anos. A lesão corporal, por sua vez, teve um número maior de registros em 2003 e os homicídios, em 2006.

Analisando o perfil das vítimas de homicídio do município, percebeu-se que o instrumento utilizado na maioria dos casos foi a arma de fogo, que a maioria das vítimas são jovens, concentrando-se na faixa etária de 21 a 30 anos, sendo que o homicídio ocorreu à noite e em 30,6% dos casos foi encontrado álcool no sangue delas.

Na análise por bairro, notou-se que Canudos tem um destaque maior nos registros, tanto nos crimes contra o patrimônio como naqueles contra a pessoa. Em segundo lugar, destaca-se Santo Afonso, em relação aos crimes contra a pessoa. Em terceiro, o Centro nos crimes contra o patrimônio.

O diagnóstico também analisou os crimes per capita (análise do número da população do bairro em comparação com o número de registros de ocorrências do bairro). Fica evidente que os maiores bairros de Novo Hamburgo, Canudos (64.627) e Santo Afonso (25.492), têm muitos registros. Mas o que chama a atenção é o bairro Hamburgo Velho. Mesmo com uma população de somente 2194 habitantes, possui um alto índice de registros de ocorrências, principalmente quanto aos delitos de lesão corporal, de furto de veículo, de estabelecimento comercial, de residência e roubo de pedestres.

Estas são algumas possíveis justificativas para este cenário: Hamburgo Velho tem uma grande circulação de transeuntes, devido aos vários estabelecimentos comerciais que compõem o bairro e há uma concentração de pessoas de alto poder aquisitivo. Também é importante considerar que, na opinião dos entrevistados, ficou evidente que o desemprego, o tráfico e o uso de drogas e a desestruturação familiar foram destacados como as principais causas da violência.

¹ Canudos é um bairro do município de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. É o maior bairro urbano da cidade, muito importante para a economia do município, pois tem um comércio muito forte, onde se localizam diversos bancos, fábricas e lojas de renome no Brasil Ainda assim, Canudos é um bairro fortemente residencial, a ponto de poder ser classificado como bairro residencial/comercial. (Nota da IHU On-Line)



A vida no Guajuviras. Mistura de medo e indignação

Estudante de jornalismo na Unisinos e colaboradora no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Greyce Vargas vive no bairro Guajuviras, de Canoas/RS há 20 anos. Ela conversou com alguns moradores sobre o cenário de violência que assola o cotidiano em comum

POR GREYCE VARGAS

ram seis da manhã do dia 28 de março de 2008 guando a luz voltou nos setores um e quatro do bairro Guajuviras, em Canoas. Havia mais de 12 horas que grande parte do bairro estava às escuras porque o temporal do dia anterior provocou o colapso de um desjuntor. A demora para o conserto tem um motivo que está presente no dia-a-dia de cada morador do bairro: a violência. Há alguns dias, ao tentar consertar o mesmo equipamento, o técnico havia sido "corrido" do local por um bando armado, contou-nos Lurdes, uma das moradoras da quadra Y. Localizado no nordeste da cidade, o Guajuviras foi construído com o objetivo de ser um bairro solidário. Em 1987, começou a ser ocupado e surgiu a violência. Homens e mulheres que lutavam por um lugar para viver tomavam conta do bairro. Hoje, o Guajuviras abriga quase 40 mil pessoas em 5.924 mil moradias, oficialmente, mas há muito mais gente. Em meados da década de 1990, as áreas verdes do bairro também foram ocupadas rapidamente. Desta vez, não havia casas e apartamentos semi-prontos, árvores foram derrubadas, e casas levantadas numa área de extremo risco, sem segurança e, principalmente, sem a menor infra-estrutura. Se a violência já era um problema, a partir dessa nova ocupação ela não parou mais de

crescer. Dentro dessas novas áreas, se proliferaram locais de distribuição de drogas e, por conseqüência, viciados e ladrões.

"Às vezes, a gente acorda com barulho de tiros. Se é baixo, eu não me preocupo, porque sei que é longe. Mas, se é perto, como é na maioria das vezes, eu só peço a Deus para olhar pelos meus filhos que estão dormindo no quarto ao lado", diz Glaci dos Santos Borba, moradora da Vila Contel, a maior área verde ocupada. Mãe de cinco filhos, a doméstica enfatiza que faz de tudo para tentar garantir o máximo de educação para que eles não sigam o caminho do crime. "Eu tenho pouco estudo, mas tento passar para meus filhos que só assim eles poderão sair daqui um dia. Até agora eles só me dão felicidades. Espero que continue assim", sonha ela.

Em janeiro deste ano, Canoas registrou 14 homicídios. Destes, oito ocorreram no Guajuviras, o dobro do número registrado no mesmo período em 2007. Segundo um policial do único posto da Brigada Militar no bairro, que não quis se identificar, o Guajuviras nunca foi um local seguro, mas agora a violência é assustadora. "Antes, existia o mito de que na entrada do bairro era mais seguro e lá no fim era muito ruim, mas hoje, em qualquer rua aqui, alguém tem uma história de violência para contar. A pobreza aumentou, a

entrada de drogas aumentou, os assaltos aumentaram. Infelizmente, a tendência é de que passe a ter ainda mais violência", disse ele. O comerciante Clóvis Lopes da Silva diz conhecer alguns traficantes e bandidos do bairro. "Muitos deles eu vi pequenos, brincando na rua. E muitos deles já vieram aqui mais de uma vez no meu mercado. Quando eram pequenos, era para comprar balas e agora para assaltar", afirma ele, que já foi assaltado três vezes, todas à mão armada. "E porque o senhor ainda mantém comércio agui, se é tão perigoso?", pergunta esta repórter. "Porque mesmo com tanta violência, aqui tem gente muito honesta, muito boa. Eu vivo agui há guase 21 anos e não são esses guris que vão me tirar daqui", respondeu.

Se sobra violência no bairro, faltam escolas (são apenas cinco, mas apenas uma oferece ensino médio), faltam professores, policiamento, postos de saúde e áreas de lazer (atualmente, todas as praças do bairro estão parcialmente ou totalmente destruídas). Enquanto isso, a população e as moradias crescem desordenadamente. com pouca intervenção dos órgãos responsáveis. Viver aqui, entre casas simples, ruas de chão batido, casebres rodeados por lixo, não é mais uma aventura, mas uma mistura de medo e indignação. E não se sabe mais como resolver o problema.



"Precisamos parar de pensar em criminalidade e começar a pensar nas nossas criminalizações históricas"

Para Vera Malaguti Batista, a história do Brasil é uma história de violências

POR ALESSANDRA BARROS

ada vez que o povo brasileiro tenta ser o protagonista de sua história ele é criminalizado e brutalizado", constata Vera Malaguti Batista, secretária geral do Instituto Carioca de Criminologia (ICC), em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, ao analisar a violência no Brasil. Para ela, "a política criminal de drogas imposta pelos Estados Unidos só produziu aqui (no Brasil) dor e morte. É necessário jogá-la fora e começar a acreditar que a prisão é uma instituição abominável. Nossa história vai nos iluminar para termos soluções mais dignas para nossa conflitividade social". Vera é também professora de Criminologia da Universidade Cândido Mendes e membro do Conselho Superior do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a prevenção do delito (ILANUD). É autora de O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história (Rio de Janeiro: Revan, 2004). Confira também outra entrevista concedida pela professora à IHU On-Line número 182, de 29 de maio de 2006, sobre segurança urbana.

IHU On-Line - Na sua opinião, quais são as origens da violência no Brasil? Vera Malaguti Batista - Eu não pensaria em termos de origem. A sociabilidade humana, entre outras coisas, também é violenta. A história do Brasil é uma história de violências. O genocídio colonizador, a destruição das civilizações indígenas e a violência fundacional da escravidão são as marcas, permanências históricas. Cada vez que o povo brasileiro tenta ser o protagonista de sua história ele é criminalizado e brutalizado.

IHU On-Line - A senhora acredita que existe um descompasso entre crescimento econômico e a segurança pública no país?

Vera Malaguti Batista - Neste momento, eu acredito estarmos vivendo uma situação singular. Nós já sabemos, pelos fatos e estatísticas, que o neoliberalismo (que creio estar, com o fim da Era Bush, em fase descendente) produziu

"O genocídio
colonizador, a destruição
das civilizações indígenas
e a violência fundacional
da escravidão são as
marcas, permanências
históricas"

um colossal encarceramento de pobres no mundo e também políticas de segurança pública truculentas nas margens pobres do mundo. Só assim poderiam tentar concentrar tanto poder e riqueza. O Brasil seguiu essa tendência. O interessante é que já estamos vivendo um momento diferente, com avancos significativos no desenvolvimento econômico e melhora inegável nos níveis de renda, trabalho e oportunidades. No entanto, continuamos com um sistema penitenciário perversamente superlotado e com um Estado policial em curso. A policização da conflitividade social, a magnificação do sistema penal e, principalmente, a inculcação de uma cultura punitiva continuam a todo vapor, com o auxílio luxuoso da grande mídia, que perpetua, assim, nossas tradições de truculência e barbarização dos pobres.

IHU On-Line - As leis brasileiras precisam ser revistas? O que está sendo feito nesse sentido?

Vera Malaguti Batista - Creio que devem ser revistas no sentido de diminuir o poder punitivo e a constituição do Estado policial. Precisamos ter a coragem de nos afastarmos dos paradigmas punitivos



"Precisamos ter a coragem de nos afastarmos dos paradigmas punitivos e proibicionistas"

e proibicionistas. A política criminal de drogas imposta pelos Estados Unidos só produziu aqui dor e morte. É necessário jogá-la fora e começar a acreditar que a prisão é uma instituição abominável. Nossa história vai nos iluminar para termos soluções mais dignas para nossa conflitividade social.

IHU On-Line - Quais são os maiores problemas do sistema penitenciário e como resolvê-los?

Vera Malaguti Batista - O maior problema do sistema penitenciário é ontológico: ele nunca poderá ser um bom sistema. A pena e a prisão são produtoras de dor e apartação, ou seja, nada de bom pode vir delas. Precisamos pensar num projeto de desencarceramento. O grande jurista argentino Raúl Zaffaroni¹ denuncia que, na América Latina, cerca de 70% dos presos são provisórios. No Brasil, existem estados indicando que 40% dos nossos presos estão na cadeia sem condenação. Estão lá como a menina do Pará,² jogada numa cela por uma pequena transgressão juvenil, sem acesso

1 Eugenio Raul Zaffaroni: ministro da Suprema Corte Argentina. Ainda, é professor titular e diretor do Departamento de Direito Penal e Criminologia na Universidade de Buenos Aires, doutor honoris causa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e vice-presidente da Associação Internacional de Direito Penal. É defensor do "realismo marginal jurídico-penal". Sua doutrina é marcada pela utilização de uma criminologia crítica como manifestação política para a formulação dogmática. Uma das suas principais contribuições nesse sentido é a "culpabilidade por vulnerabilidade", que leva em conta a seletividade do sistema penal.

2 Menina do Pará: caso que chocou o país de uma menina de apenas 15 anos presa em cela com 20 homens no Pará, que disse ter mantido relações sexuais em troca de comida. (Nota da IHU On-Line) à defesa. Depois, ao contrário do senso comum, precisamos aumentar a comunicação com os brasileiros presos. É necessário aumentar as pontes, abrir portas, quebrar o maniqueísmo do "nós e eles". Além disso, é necessário diminuir o sofrimento dos familiares de presos, que acabam cumprindo pena junto com seus entes queridos e passam por toda sorte de constrangimento e estigmatização.

IHU On-Line - Há uma subordinação do Estado ao crime organizado? Se sim, quais os sinais dessa subordinação? Vera Malaguti Batista - Eu questiono muito o conceito de "crime organizado". Este é um paradigma já desconstruído pela Criminologia Crítica. É, como diria Zaffaroni, uma categorização frustrada. O que é "crime organizado"? O comércio varejista de drogas nas favelas do Rio ou o complexo farmaco-químico transnacional? O Estado brasileiro foi sempre subordinado às elites brasileiras, ao grande capital, aos latifúndios, às multinacionais, ao sistema financeiro. Sempre que algum governo tentou mudar isso pagou um preço muito caro: Getúlio3 e Jango4

são símbolos nesse sentido. 3 Getúlio Vargas (1882-1954): considerado um divisor de águas na história brasileira. Após os 15 anos de governo getulista, o País e o povo brasileiro nunca mais seriam os mesmos. Ele foi marcado pelo populismo, o investimento na indústria, a valorização do trabalho e por atos totalitários e despóticos de seu governante. Sobre Getúlio Vargas, conferir o primeiro dos Cadernos IHU em formação, intitulado Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola, bem como o 30º número dos Cadernos IHU Idéias, intitulado Getúlio, romance ou biografia, escrito por Juremir Machado da Silva. A IHU On-Line 112, de 23 de agosto de 2004, intitulou-se Saio da vida para entrar na História, frase que se tornou célebre na cartatestamento de Getúlio. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu, em 2004, o Seminário Nacional Era Vargas. (Nota da IHU On-Line) 4 Jango (1919-1976): presidente brasileiro de 1961 a 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do Golpe, que o destituiu do poder. Em seu lugar os militares assumiram o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar o IHU publicou o 4º número dos Cadernos IHU em formação, intitulado Ditadura 1964. A memória do regime militar. Confira, também, as edições nº 96 da IHU On-Line, intitulada O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa

e o imaginário, de 12-04-2004, e nº 95, de 05-04-2005, 1964 - 2004: hora de passar o Brasil a

limpo. (Nota da IHU On-Line)

"Acredito estarmos
vivendo uma situação
singular. Nós já sabemos,
pelos fatos e estatísticas,
que o neoliberalismo
produziu um colossal
encarceramento de
pobres no mundo e
também políticas de
segurança pública
truculentas nas margens
pobres do mundo"

IHU On-Line - O combate à criminalidade passa por reformas políticas? Quais são as mais urgentes? Vera Malaguti Batista - . Então, poderemos pensar em reforma agrá-

poderemos pensar em reforma agrária, numa escola pública que esteja à altura de nossa infância e juventude, numa saúde coletiva que esteja acima das empresas de seguro e do complexo farmaco-químico, enfim, nas agendas da vida, do trabalho, da cultura.

IHU On-Line - Qual é o papel do Ministério de Defesa brasileiro?

Vera Malaguti Batista - O que eu desejo do Ministério da Defesa é que nos ajude a exercer nossa soberania junto com os países irmãos da América Latina que resistem aos ataques do império.



Violência: "a lógica do jogo soma-zero: ou eu ou você"

Cúmplice da criminalidade, o Estado brasileiro está perdendo sua função e legitimidade, afirma Jorge Zaverucha

POR PATRICIA FACHIN

desigualdade social não pode mais ser considerada o estopim das guerras civis, já que "o Brasil tornou-se menos injusto socialmente nos últimos anos", afirma Jorge Zaverucha, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Por outro lado, é evidente que a criminalidade tem tomado conta não só de grandes centros urbanos, mas de localidades até então consideradas pacificas. Isso acontece, explica, porque "os criminosos trabalham levando em conta a impunidade e a deficiência da polícia".

A descrença nas instituições e a ausência do Estado fazem com que a população faça "justiça com as próprias mãos", explica o pesquisador. E dispara: "é como se a sociedade estivesse em chamas".

Zaverucha é mestre em Ciências Políticas, pela Hebrew University Of Jerusalém, em Israel, e doutor na mesma área, pela University of Chicago, nos EUA, e pós-doutor, pela University of Texas at Austin. Atualmente, é docente na Universidade Federal de Pernambuco, onde coordena o Núcleo de Estudos de Instituições Coercitivas (NIC).

Entre suas publicações, destacamos *Rumor de sabres* (São Paulo: Ática, 1994), *Democracia e instituições políticas brasileiras no final do século XX* (Recife: Bagaço, 1998) e *FHC*, forças armadas e polícia: entre o autoritarismo e a democracia (1999-2002) (Rio de Janeiro: Record, 2005).

IHU On-Line - O que aconteceu no país para que a violência alcançasse tamanhas proporções? Localidades consideradas passivas há cinco anos estão dominadas por atos de violência. Como explicar essa transformação?

Jorge Zaverucha - Cada caso apresenta suas particularidades. Mas, obviamente, há pontos em comum entre todos eles. Gostaria de oferecer-lhe uma resposta pronta. Não a tenho. Também trabalho com a hipótese de que a contínua desordem existente na cúpula do poder político nacional gera um efeito-demonstrativo negativo de alta capilaridade. Caso esteja correto, inexiste um claro marco regulatório que balize o comportamento da população.

IHU On-Line - Como entender o sucesso do filme *Tropa de elite?* Por que

a sociedade tem prazer e vibra com cenas de violência? Isso está intrínseco ao ser humano?

Jorge Zaverucha - Creio que boa parte da popularidade do filme, deve-se ao fato de a platéia se sentir "vingada" pelos bopeanos. Ou seja, sou diariamente assaltado, chamo a polícia e ela pouco faz e às vezes até me extorque. De repente, vejo que há um corpo policial honesto que vai dar um jeito no "inimigo". É a lógica do jogo soma-zero: ou eu ou você. Esta é uma lógica típica de guerra. A cultura de guerra olha, predominantemente, para as capacidades do inimigo. A cultura democrática privilegia as motivações dos adversários. Na linguagem do Bope, há uma "guerra de baixa intensidade". No entanto, ela é conduzida no seio de uma população predominantemente honesta e inocente. Esta visão belicista parece ter-se tornado hegemônica. A sociedade não mais se questiona sobre a justificativa desta "guerra" (jus ad bellum). O que conta como diz o canto de guerra bopeano "é invadir favela e deixar corpo no chão". Para alívio da platéia.

IHU On-Line - O senhor concorda com a idéia de que o Brasil está se convertendo num país de emigração? Essa pode ser uma justificativa de o Estado não conseguir mais manter a seguridade social para a população? Jorge Zaverucha - A insegurança física é um dos componentes que levam uma pessoa a emigrar. Tenho colegas que resolveram deixar o país com medo de serem seqüestrados e/ou mortos. É duro aceitar que chega a quase meio



milhão o número de brasileiros assassinados entre 1996 e 2006. Talvez eu esteja muito influenciado pela realidade pernambucana. Sugiro acessar www. pebodycount.com.br, site inspirado na Guerra do Iraque.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a atuação de grupos como o PCC que possuem leis próprias e que substituem a justiça comum? Isso demonstra a morte da legitimidade do Estado brasileiro?

Jorge Zaverucha - Cada vez mais, o crime organizado consegue estabelecer zonas de cooperação com agentes estatais para o cometimento de delitos. Ora, se o Estado é fonte de grupos criminosos, como ele pode combater o crime? O Estado brasileiro vai perdendo tanto sua função quanto sua legitimidade ao ser minado internamente. A criminalidade organizada ainda não atingiu todo o Estado. Entretanto, se o processo de captura de agentes estatais não for estancado, o poder legal estatal poderá tornar-se meramente nominal.

IHU On-Line - O senhor diz que o crime organizado está alojado nas entranhas do aparelho do Estado brasileiro. Essa afirmação é sinal de que a violência nunca será combatida?

Jorge Zaverucha - Pode ser combatida desde que os setores do aparelho estatal capturados pelo crime organizado sejam derrotados. Será que a sociedade prevalecerá sobre o Estado? Infelizmente, a maioria dos políticos vê o Estado como um butim. O que existe, hoje em dia, são pequenos grupos com amplos poderes vis-à-vis uma massa de indivíduos desorganizada e impotente. O Marquês de Maricá¹ já dizia que "a impunidade é segura quando a cumplicidade é geral".

1 Marquês de Maricá: pseudônimo do político carioca Mariano da Fonseca, (1773-1848). Foi escritor, filósofo e político brasileiro. Atuou como ministro da Fazenda, conselheiro de Estado e senador do Império do Brasil de 1826 a 1848. Doutor em filosofia e consagrado em matemática pela Universidade de Coimbra em 1793, ocupou o cargo de Ministro da Fazenda no 3° Gabinete de 1823, depois foi nomeado senador pela província do Rio de Janeiro em 1826. Como escritor, escreveu diversas obras, a mais conhecida sendo Máximas, Pensamentos e Reflexões, composta de quatro volumes, com um total de 3169 artigos, publicada entre os anos de 1837, 1839 e 1841.

"É duro aceitar que chega a quase meio milhão o número de brasileiros assassinados entre 1996 e 2006"

IHU On-Line - Muitos especialistas dizem que a violência urbana é apenas uma conseqüência da pobreza, desemprego, falta de oportunidades, educação precária. Essas questões ainda são relevantes? Que outros aspectos o senhor destacaria como fundamentais para a expansão da criminalidade pelo Brasil?

Jorge Zaverucha - O capital humano (educação), o capital físico (infra-estrutura), o capital social (confiança nas relações sociais que leva a organização social) e o capital institucional (segurança e justiça) são importantes. Sugiro usar a variável pobreza com cautela. As populações de Bombaim, hoje Mombai, e Rio de Janeiro são similares. Lá, a taxa de homicídio, dados de 2003, foi de 1,1 por 100 mil habitantes. No Rio, é trinta vezes major. O Brasil tornou-se menos injusto socialmente nos últimos anos, mas a criminalidade estourou. Por isso mesmo, enfatizo a grande ineficiência/corrupção do nosso sistema de justiça criminal. Os criminosos trabalham levando em conta a impunidade e a deficiência da polícia. Mas é sempre bom lembrar que muitos crimes, especialmente os mais cruéis, não são redutíveis a fatores meramente externos. Temos muito a estudar.

IHU On-Line - A superlotação dos presídios contribui para aumentar a violência? Esse cenário torna os apenados mais violentos?

Jorge Zaverucha - Contribui na medida em que, em vez de ressocializar, aperfeiçoa os conhecimentos dos bandidos. Além do mais, as condições são tão degradantes que o preso está disposto a correr alto riso, inclusive a morte, para de lá sair. Um detalhe: o Estado pune quem viola a lei. Mas, aqui em Recife, há a figura do "chaveiro" de cela do presídio. É um preso, pago pelo Estado, para controlar outros presos em troca de favores informais da direção do presídio. É o Estado patrocinando a ilegalidade de um modo informal. Afora a Lei de Execuções Penais que é cotidianamente violada em todo o país. Mas quem fiscaliza o Estado?

IHU On-Line - O sociólogo José de Souza Martins constatou mais de dois mil casos de linchamento no país, em 30 anos. Segundo a pesquisa, mais de 500 mil brasileiros praticaram esse ato nos últimos 50 anos. Como compreender a gana por violência que consome a sociedade nas últimas décadas?

Jorge Zaverucha - A criminalidade epidêmica provoca descrença nas instituições. Ante a ausência do Estado na mediação dos conflitos, a população faz justiça com as próprias mãos. É como se a sociedade estivesse em chamas. Joubert² já nos lembrava que "tudo aquilo que tem asas está fora do alcance das leis"

IHU On-Line - Podemos dizer que, depois de assistir tantas impunidades, a sociedade passou a adotar ações de violência como método de proteção, ou seja, a violência gerou mais violência?

Jorge Zaverucha - Nem sempre violência gera mais violência. Às vezes, é necessário o uso da violência para evitar que a violência se alastre. Para mim, o mais importante é indagar sobre o grau de legitimidade do uso da violência. Quem a usa e contra quem? O Estado se caracteriza pela dominação de um grupo sobre o outro. Este domínio ocorre, seja pelo consentimento, seja pelo uso da violência. Quanto menor for a legitimidade, maior será a violência.

LEIA MAIS...

- >> Jorge Zaverucha concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.
- * O caos do sistema prisional
- * "Ganha um doce quem quem me disser o nome do comandante da Força Nacional de Segurança Pública..."

² Joseph Joubert (1754-1824): escritor e ensaísta francês. (Nota da IHU On-Line)



"O PCC surgiu da violência carcerária"

Raras cadeias têm programas de educação e quando têm, na maioria das vezes, são reacionários, afirma Fernando Bonassi

POR ALESSANDRA BARROS

ara acabar com o poder de influência do PCC, o cineasta brasileiro Fernando Bonassi destaca a necessidade da humanização das cadeias, separando-se quem comete delitos graves dos leves, adotando a remissão de pena para quem estuda e a devida preparação do preso para a volta à vida social. Também escritor, roteirista e dramaturgo, Bonassi critica o papel da mídia. "Os meios de comunicação produzem uma falsa idéia da violência, culpando os agentes últimos, os bandidos, que estão na ponta da questão e embaixo da pirâmide social", enfatiza, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o roteirista de filmes consagrados, como Estação Carandiru, de Hector Babenco; Cabra cega, de Toni Venturi; Os matadores, de Beto Brant; Castelo Rá-Tim-Bum, de Cao Hamburguer; e Cazuza - O tempo não pára, de Sandra Werneck e Walter Carvalho.

Fernando Bonassi é autor de Subúrbio (São Paulo: Objetiva, 2006), Violência e paixão (São Paulo: Scipione, 2007), Diário da guerra de São Paulo (São Paulo: Publifolha, 2007) e Entre a vida e a morte - Casos de polícia (São Paulo: FTD, 2007), entre outros livros. Além de ser colunista da Folha de S. Paulo, é roteirista de programas de TV, como Castelo Rá-Tim-Bum e Mundo da lua, e de várias peças de teatro, destacando-se Woyzeck desmembrado, que consagra o retorno da parceria feita anteriormente com o ator Matheus Nachtergaele. Confira a entrevista:

IHU On-Line - Como o senhor explica a cultura da violência no Brasil? Qual é a sua origem e como combatê-la? Fernando Bonassi - A tradição histórica brasileira é autoritária. Há sempre algum "capitão do mato" no comando das coisas políticas. Ademais, sem renda distribuída, não se pode esperar paz. Combatê-la? Com programas sérios de distribuição de renda, taxação de heranças e grandes fortunas. É assim que se distribui renda, não dandose esmolas sob a forma de programas sociais pífios.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a banalização da criminalidade e a criação de grupos como o PCC que, além de fazerem suas próprias leis, mostram ter mais poder do que a própria polícia?

Fernando Bonassi - O PCC surgiu da violência carcerária, dos espancamentos de presos e do aprendizado político que a luta pela democracia também ensinou aos criminosos. Como se acaba com a influência do PCC? Humanizando as cadeias, separando-se quem comete delitos graves dos leves, adotando a remissão de pena para quem estuda e a devida preparação do preso para a volta a vida social.

IHU On-Line - Qual é a sua avaliação sobre o papel dos veículos de comunicação, da produção cultural no combate ao espetáculo do terror? E a sua opinião sobre a questão da venda de estereótipos em personagens que representam o poder do mais forte e perigoso na sociedade?

Fernando Bonassi - Os meios de comu-

"Enquanto as bocas de fumo forem mais divertidas que a escola, estaremos perdendo as novas gerações para os traficantes"

nicação produzem uma falsa idéia da violência, culpando os agentes últimos, os bandidos, que estão na ponta da questão e embaixo da pirâmide social.



"Os meios de
comunicação produzem
uma falsa idéia da
violência, culpando os
agentes últimos, os
bandidos, que estão na
ponta da questão e
embaixo da pirâmide
social"

É raro uma análise criteriosa dos fatores que levam ao crime em programas que preferem vender o morticínio no horário do jantar. Os estereótipos, de qualquer ordem, são sempre lesivos, porque amesquinham os fatos com figuras planas. A questão é mais complexa. Os verdadeiros criminosos estão no congresso e no sistema financeiro. Vestem gravata e dão palestras em universidades e congressos de economia.

IHU On-Line - O senhor vivenciou,

durante a produção dos seus traba-

Ihos, as leis e regras desse submundo, o que mais lhe surpreendeu? Em algum momento sofreu ameaças? Fernando Bonassi - Durante a realização do roteiro do filme Carandiru, realizei algumas oficinas literárias na cadeia. O que mais me surpreendeu foi o abandono intelectual em que se encontram aqueles homens. Raras cadeias têm programas de educação e quando têm, na maioria das vezes, são reacionários. Nunca sofri ameaças. As visitas no Carandiru eram extremamente protegidas pelas lideranças da

IHU On-Line - Como recuperar a juventude brasileira das classes mais baixas que hoje servem de mão de

cadeia quando lá se encontravam, pois

eram a única conexão com o mundo

real, fora das muralhas.

obra para o tráfico de drogas por ser rentável?

Fernando Bonassi - Enquanto as bocas de fumo forem mais divertidas que a escola, estaremos perdendo as novas gerações para os traficantes.

IHU On-Line - O cinema brasileiro trouxe às telas produções que denunciam a violência no país. A corrupção na polícia, o tráfico de armas e de drogas, a deficiência no sistema carcerário e da própria justiça, foram retratadas em filmes como Cidade de Deus, Carandiru e, mais recentemente, Tropa de elite causou polêmica. Qual é a importância de denunciar a criminalidade e a impunidade na produção cultural?

Fernando Bonassi - Denunciar a prática de crimes e a condição em que vivem os presos é obrigação dos artistas democratas. A visão do mundo dos presos sempre gerou polêmica entre quem se recusa a ver a realidade abjeta das cadeias. Carandiru¹ e Cidade de Deus² tiveram o mérito de colocar a questão literária na ordem do dia. Tropa de elite,³ apesar da boa inten-

1 Carandiru: filme brasileiro de 2002, do gênero drama, dirigido pelo argentino naturalizado brasileiro Hector Babenco. O filme é uma superprodução baseada no livro *Estação Carandiru*, do médico Drauzio Varella, onde ele narra suas experiências com a dura realidade dos presídios brasileiros em um trabalho de prevenção à AIDS realizado na Casa de Detenção. (Nota da IHU On-Line)

2 Cidade de Deus: lançado em 2002, com direção de Fernando Meirelles. É uma adaptação do livro Cidade de Deus, de Paulo Lins. Cidade de Deus é uma favela que surgiu nos anos 1960, e se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro, no começo dos anos 1980. Em 2004, o filme recebeu quatro indicações ao Oscar, prêmio máximo do cinema, nas categorias Melhor Fotografia, Melhor Diretor, Melhor Edição e Melhor Roteiro Adaptado. (Nota da IHU On-Line)

3 Tropa de elite: Filme brasileiro, lançado em 2007 e dirigido por José Padilha, que tem como foco a atuação do Batalhão de Operações Especiais (Bope), no Rio de Janeiro. Ao criticar duramente os usuários de substâncias ilícitas, atribuindo-lhes culpa pela expansão do tráfico de drogas e da violência, o filme gerou grande debate na mídia brasileira. As práticas de tortura por parte dos policias também foram abordadas, gerando questionamentos acerca do fato dos personagens estarem sendo considerados heróis por suas atitudes frente os bandidos. Na edição número 240, de 22 de outubro de 2007, Tropa de elite foi o Filme da Semana, e André Dick, doutor em Literatura Comparada e revisor das publicações do Instituto Humanitas - IHU, escreveu um artigo ção dos seus autores, é um equívoco. Certos temas merecem mais inteligência e ousadia formal do que o mero realismo. Saí do filme com vontade de chacinar criminosos e olhe que não tenho essa índole...

IHU On-Line - O senhor está preparando algum outro trabalho nesse sentido?

Fernando Bonassi - Acabei de escrever um filme policial sobre as relações de poder na máfia da pirataria chinesa em São Paulo, em parceria com o cineasta Yu Likwai, de Hong Kong, que está filmando em São Paulo neste momento. Trata-se de um outro tema bem correlato...

IHU On-Line - Para o senhor, a sociedade brasileira precisa reagir? Políticas públicas e trabalhos sociais são necessários? A educação nas escolas públicas precisa ser revista?

Fernando Bonassi - Obviamente que precisamos reagir e participar de ações, em nível governamental e da sociedade civil pela humanização das cadeias, pela transformação do ensino brasileiro em algo criativo (é algo que, precisamos concordar, esta gestão federal até que tem tentado, muito lentamente, mas tem tentado) e melhorar nossos valores sociais quanto ao consumo, o valor do trabalho etc. Não posso deixar de falar de meus colegas de trabalho neste aspecto, pois penso que os autores de telenovelas deveriam ser presos pelo amesquinhamento que promovem com a consciência dos brasileiros. Quando se passa vinte anos produzindo melodramas e séries imbecis que só dizem ao cidadão comum que o melhor para ele é enriquecer e para a mulher é casar, bem. então temos essa decadência do valor do trabalho e da decência de um modo geral. Enquanto duas ou três famílias forem donas do sistema de comunicação nacional, como são agora, não espero democracia verdadeira...

sobre o filme. O conteúdo está disponível em www.unisinos.br/ihu. No próximo sábado, dia 05-04-2008, o filme será exibido no IHU. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Yu Lik-wai (1966): também conhecido como Nelson Yu é um cineasta, diretor e produtor de cinema de Hong Kong. (Nota da IHU On-Line)







Revista do Instituto Humanitas Unisinos

В,

Destaques da Semana



Entrevista da Semana

O desafio de traduzir Mallarmé

O poeta e tradutor Júlio Castanon Guimarães lança Brinde fúnebre e outros poemas, com traduções do poeta francês

Por André Dick

poeta francês Stéphane Mallarmé (1842-1898) é visto como um dos escritores mais herméticos da modernidade, situado entre o simbolismo e as vanguardas do início do século XX, entre as quais se incluem o futurismo e o dadaísmo. Se já é difícil de compreendê-lo na língua original, a tradução de sua obra se torna um desafio ainda maior. Mallarmé, igualmente, por meio de *Un coup de dés* e de seus poemas em prosa, levou adiante as conquistas na dissolução entre gêneros, como antes dele fizeram Baudelaire e Rimbaud, na ligação entre literatura e música, além de ter sido um dos teorizadores da poesia moderna, por meio de *Divagations*.

Para o poeta e crítico literário Júlio Castañon Guimarães, que está lançando uma reedição de suas traduções do francês, lançadas pela primeira vez em 1997, intitulada **Brinde fúnebre e outros poemas** (Rio de Janeiro: 7Letras, 2007), "em primeiro lugar a dificuldade está na própria compreensão dos textos". Essa dificuldade, afirma ele, é "bastante grande; naturalmente, não diz respeito apenas a tradutores, mas a leitores em geral, de que fazem parte os tradutores".

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Castañon também aborda a importância das traduções que os irmãos Augusto e Haroldo de Campos e de Décio Pignatari fizeram de Mallarmé, visto como um dos precursores da poesia concreta dos anos 1950. Ao mesmo tempo, lembra da exposição referencial que organizou ao lado de Flora Süssekind sobre Mallarmé na Fundação Casa de Rui Barbosa, onde trabalha, em 1992.

Castañon possui graduação, mestrado e doutorado em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2006-2007 fez estágio pós-doutoral no Centre d'Etudes de l'Ecriture et de l'Image, na Universidade Paris 7, e no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Ele é autor, como poeta, de *Poemas 1975-2005* (Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2005). Organizou *Seleta de prosa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998), de Manuel Bandeira, e *Sobre Augusto de Campos* (Rio de Janeiro: 7Letras; Fundação Casa de Rui Barbosa), com Flora Süssekind. É especialista na obra de Murilo Mendes, tendo escrito sobre o poeta modernista sobretudo em *Territórios/Conjunções* (Rio de Janeiro: Imago, 1993). Também traduziu, entre outros, *A câmara clara* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983) e *Incidentes* (Rio de Janeiro: Guanabara, 1988), ambos de Roland Barthes, *Extraterritorial* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), de George Steiner, e os três volumes de *A vida e a obra de Sigmund Freud* (Rio de Janeiro: Imago, 1989), de Ernest Jones.





IHU On-Line - Na sua opinião, é possível dividir a obra de Mallarmé em fases, como fez Mário Faustino,¹ em sua conhecida página de poesia, ou acredita que elas se misturam? "Prose", por exemplo, seria o seu poema mais hermético antes de *Un coup de dés*?

Júlio Castañon Guimarães - A divisão constitui uma forma de perceber algumas características mais gerais; tem de certo modo uma intenção didática, o que, aliás, tem a ver com a intenção da página de Mário Faustino, que era a de realizar um trabalho de divulgação. Mas muita coisa não se encaixa nessa divisão. É claro que há uma grande distância entre os poemas iniciais e os poemas ditos herméticos. No entanto, não só há muita coisa que escapa às partes da divisão, mas também há elementos que transitam entre os diferentes momentos. Assim, independentemente de interpretações, o estudo das várias fases de redação dos poemas e das datas de publicação em revistas revela às vezes um percurso bem longo, que pode ultrapassar as tentativas de divisão.

IHU On-Line - O senhor juntou a "Toast funèbre" e "Prose", dois poemas que deram título ao seu livro de traduções original, outros poemas, como "Soupir", "Hommage" e o seminal "Épouser la notion". Por que essa nova seleção? Esses poemas trariam aspectos relevantes em comum?

Júlio Castañon Guimarães - Talvez "Soupir" seja o que se distancie mais dos outros textos traduzidos, se encontrando mais próximo das preocupações iniciais, e estando assim longe das dificuldades dos demais. Vários fatores levaram à escolha - entre outros, o gosto pelos poemas e a viabilidade de tradução (às vezes, a gente chega à conclusão de que não conseguirá

Suspiro (Soupir)

Minha alma a tua fronte, irmã, onde devaneia
A estação outonal de manchas ruiva cheia,
E ao céu errante desse teu angélico olhar
Sobe, tal como num jardim de triste ar
Pelo Azul branco jato d'água, fiel, suspira!

— O Azul de Outubro pálido e puro que mira
Nos grandes tanques seu próprio longo langor
E deixa, na água morta em que o rubro estertor
Das folhas erra ao vento e cava um sulco frio,
Arrastar-se fulvo o sol, raio fugidio.

traduzir determinado texto de modo minimamente satisfatório). No caso de "Épouser la notion" havia ainda o interesse de — até onde sei — se tratar de um texto que não fora traduzido para o português.

IHU On-Line - "Épouser la notion" lembra os experimentos de Mallarmé em *Pour un tombeau d'Anatole*. Há uma aproximação entre esses projetos inacabados também com o *Le livre*?

Júlio Castañon Guimarães - Há de fato uma aproximação — sempre apontada pelos críticos — entre "Épouser la notion" e *Pour un tombeau d'Anatole*. Em primeiro lugar por serem manuscritos inconclusos, anotações, mas também por esses manuscritos permitirem a hipótese de projetos na mesma linha, ou seja, prováveis poemas. Já *Le livre* parece ser algo de outra natureza, não só pelos manuscritos serem completamente distintos, mas por constituírem projeto muito mais amplo do que um poema, envolvendo a própria potencialidade do objeto livro.

IHU On-Line - Por que o senhor acredita que nesses poemas inacabados o verso de Mallarmé é tão quebrado e anti-musical, lembrando o trabalho que mais tarde faria Paul Celan,²

2 Paul Celan (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, Celan foi um dos mais importantes poetas modernos da língua alemã. Filho de judeus de língua alemã, enaltecido como um dos maiores poetas do pós-guerra, carregou e registrou em

um apreciador, aliás, do poeta francês, tão diferente da musicalidade de orquestra pretendida em *Un coup de dés*, por exemplo, ou no poema "Hommage", dedicado a Wagner?

Júlio Castañon Guimarães - No caso desses textos inacabados, talvez não fosse o caso nem de falar em verso. Parece-me que o que explica a conformação deles é o fato de se tratar simplesmente de um conjunto de anotações que talvez ainda não tivessem chegado ao estágio de esboço. Há até quem considere esse conjunto de textos como o rascunho de uma prosa. O mais provável, porém, na verdade o quase certo, é que se trate de anotações para um futuro poema. Então, o que se tem como forma é um determinado instante de um texto em início de processo. Assim, o que ficou deles foge em muito à musicalidade, não só a orquestral de *Un coup de dés*, mas também a de algum outro tipo, talvez de natureza menos estrutural e mais cantante que se possa encontrar no restante da obra poética. Mas acho que sempre será inevitável diante desses esboços ter um horizonte de inquietação diante do que eles poderiam ter vindo a ser.

IHU On-Line - Ao lado das suas traduções de Mallarmé, figuram, no Brasil, <u>as dos irmãos Augusto e Haroldo de</u>

sua obra a marca do terror nazista. A desolação pela perda dos pais, mortos em um campo de extermínio do qual fugiria, trouxe até nós um texto denso, vigoroso e envolto em silêncio e dor. (Nota da IHU On-Line)

¹ Mário Faustino (1930-1962): crítico literário brasileiro, autor de obras como *Poesia e experiência, Arsenatos de poesia e De Anchieta aos concretos*, lançados pela Companhia das Letras. Mallarmé, para Faustino, teria facetas diferentes, uma mais influenciada pelo parnasianismo, outra por Racine, além da mais experimental, que inclui poemas como *Un coup de dés e Le livre*, coleção de fragmentos que pretendiam chegar a um Livro Total que sintetizasse o Universo. (Nota da IHU On-Line)



Fragmentos de "Épouser la notion"

10

conta - o encontro

— que se ela não está
lá - ele
onde quando ele está
ele está —
estou ou não?
sim você está
mas ela
se ela não está —
com um

11

olhar julga que ela não existe é isto

[...]

14

não pode ser menos que um isto — — ela pode se reduzir a isto certo é tudo,

de qualquer modo não haveria nada acredito acredito

15

e é preciso que não haja nada para que eu a estreite e acredite nisto totalmente

Nada - nada -

nem para outros nem para mim

os outros é tu e eu isto - cisão Campos,³ de Décio Pignatari⁴ e de José Lino Grünewald.⁵ Em que medida esses poetas foram importantes para a divulgação de Mallarmé em nosso cenário cultural?

Júlio Castañon Guimarães - Esses poetas foram de extrema importância. Antes de tudo porque pela primeira vez se traduzia um conjunto significativo, isto é, um grande número de poemas de Mallarmé. Até então, só havia traduções esparsas. Além disso fizeram também traduções dos poemas mais longos e fundamentais. Por fim, acompanharam essas traduções de comentários e estudos que sem dúvida contribuíram em muito não só para o conhecimento da obra de Mallarmé, mas também para sua inserção no pensamento crítico.

IHU On-Line - Há, em seus livros, muitos comentários dos poemas traduzidos e sobre suas escolhas. Quais são as dificuldades que o trabalho de Mallarmé impõe para a tradução?

Júlio Castañon Guimarães - Em primeiro lugar, a dificuldade está na própria compreensão dos textos. E essa é uma dificuldade bastante grande; naturalmente, não diz respeito apenas a tradutores, mas a leitores em geral, de que fazem parte os tradutores. Talvez no caso do tradutor haja certas peculiaridades no esforço de compreensão, tendo em vista que esta não se basta, ela tem uma conseqüência, uma continuidade, no trabalho de transposição de uma língua para outra. Sobretudo se pensarmos, com Meschonnic,6 como a tradução não é uma questão lingüística, mas literária (para usar uma forma bem simples), essa transposição envolve uma concepção literária dos textos. Na verdade, as dificuldades do texto mallarmeano não estão apenas nos poemas; muitos de seus textos em prosa são de extrema dificuldade, de dificuldade equivalente para a tradução. É claro que é necessário procurar resolver as dificuldades de compreensão do texto, mas isso não é suficiento.

IHU On-Line - O senhor organizou, com Flora Süssekind, em 1992, na Fundação Casa de Rui Barbosa, possivelmente a maior exposição sobre Mallarmé no Brasil. O que ela apresentava de mais especial? É possível fazer com que o leitor atual se interesse mais por Mallarmé, menos lido ainda que, por exemplo, Baudelaire e Rimbaud, outros poetas franceses da modernidade significativos?

Júlio Castañon Guimarães - A exposição não era sobre Mallarmé simplesmente, mas sobre Mallarmé no Brasil. Ela incluía algumas edições de obras de Mallarmé, como uma primeira edição de Les mots anglais e uma edição ainda em vida dele de L'après midi d'un faune com as ilustrações de Manet - essas edições fazem parte de bibliotecas brasileiras. Incluía ainda edições brasileiras, poemas e livros com referência ao poeta, revistas e jornais brasileiros desde fins do século XIX em que foram publicados textos de Mallarmé e textos sobre ele. Além disso, havia poemas de autores brasileiros das mais diversas tendências ao longo do século XX com alguma marca de Mallarmé. Em suma, a exposição procurava mostrar por meio de um amplo conjunto de documentos a existência de Mallarmé no Brasil. Quanto ao fato de ele ser menos lido, isso me parece natural e provavelmente essa situação não se modificará: também em francês, ele é menos lido que os outros. Naturalmente, se há uma leitura mais

³ Augusto (1931) e Haroldo de Campos (1929-2003) fundaram, ao lado de Décio Pignatari, a poesia concreta. Augusto é autor de Viva vaia, Despoesia e NÃO, enquanto Haroldo é autor de Xadrez de estrelas, Crisantempo e A máquina do mundo repensada. Com Décio Pignatari, ambos traduziram o poeta francês em Mallarmé (3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991). Em Poesia da recusa (São Paulo: Perspectiva, 2006), Augusto incluiu novas traduções de poemas de Mallarmé. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Décio Pignatari** (1927): autor de *Contracomunicação*, *Poesia pois é poesia* e *Panteros*, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

⁵ José Lino Grünewald (1931-1999): poeta e tradutor brasileiro. Traduziu, entre outros livros, *Poemas*, de Mallarmé, e *Os cantos*, de Ezra Pound. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Henri Meschonnic(1932): poeta, ensaísta e tradutor francês. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Flora Süssekind: crítica brasileira, autora de, entre outros, *O Brasil não é longe daqui* e *Papéis colados*. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Charles Baudelaire (1821-1867): poeta francês, autor de *As flores do mal*. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês, autor de *Iluminações*. (Nota da IHU On-Line)



Homenagem (Hommage)

Silêncio de um tecido em seda cinerário Mais que uma só dobra pode desdobrar Sobre o móvel que a queda do grande pilar Derroca com a memória em estado precário.

O nosso antigo embate triunfal do glossário Em cifra, hieróglifos de que o milhar Se ergue a ressoar com a asa um fremir familiar! Guardem-no, para mim, melhor, em um armário.

Do ridente fragor original odiado Por entre as claridades mestras viu-se alçado Até um adro nascido para o simulacro,

Trompas fortes de baço ouro sobre velinos, Richard Wagner, o deus, a irradiar ritual sacro Que a tinta mal cala em soluços sibilinos.

reduzida quantitativamente, a questão Mallarmé, poética e teórica, é fundamental.

IHU On-Line - Mallarmé possui uma extensa bibliografia de estudos. O senhor poderia destacar aqueles que considera mais relevantes? Júlio Castañon Guimarães - Como você mesmo já observa, a bibliografia sobre Mallarmé é imensa. Assim, parece-me difícil destacar alguma coisa de uma maneira genérica; melhor dizendo, para destacar alguma coisa é necessário primeiro ver pelo menos aproximadamente qual objetivo mais à vista — se uma abordagem mais geral, se uma leitura introdutória. Falando então do ponto de vista do tradutor, que precisa muito de um entendimento dos componentes dos poemas, eu lembraria alguns trabalhos que estudam os poemas, um a um, procurando destrinchar elementos como o vocabulário e a intrincada sintaxe. Eu mencionaria os trabalhos de Emilie Noulet, Paul Bénichou, Bertrand Marchal. Mas acho importantes também algumas edições da própria obra de Mallarmé, bem anotadas, como a preparada por Lloyd Austin, disponível em edição de bolso, e sobretudo a nova edição da Plêiade, com nova organização e novos materiais.

Nanotecnologias

O Brasil e a pesquisa em nanotecnologias

Ronaldo Giro trata das possibilidades dos produtos desenvolvidos através das nanotecnologias e sobre o aproveitamento dos profissionais brasileiros competentes nessa área

POR GREYCE VARGAS

esde 2004, o professor Ronaldo Giro desenvolve, na Universidade de São Paulo (USP), uma pesquisa que poderá aumentar a eficiência luminosa de dispositivos como a lâmpada elétrica, ao mesmo tempo em que esse dispositivo necessitaria de menos energia elétrica para operar, utilizando-se os conhecimentos da área de nanotecnologias. Inúmeros estudos envolvendo as nanotecnologias estão em desenvolvimento no país. Entretanto, "o grande gargalo do Brasil é que ele não aproveita as pessoas formadas. Não há vaga de trabalho para quem estuda as nanotecnologias porque a indústria não absorve", disse ele, nesta entrevista concedida à IHU On-Line por telefone.

Ronaldo Giro é doutor em física, pela Universidade de Campinas (Unicamp), e pós-doutor, pela USP, onde, atualmente, realizada a pesquisa Estudo da interface entre o metal e o polímero em dispositivos orgânicos emissores de luz.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma o estudo da interface entre o metal e o polímero, que é o seu foco de pesquisa, nos dispositivos orgânicos, que são emissores de luz, contribui para a evolução da sociedade atual?

Ronaldo Giro - O principal objetivo desse estudo é melhorar a eficiência luminosa desse dispositivo. A maior contribuição para a sociedade, por sua vez, é de economia de energia elétrica na área de iluminação. Eu penso em aplicar esses dispositivos, atualmente, na área de displays. Então, se traria uma economia muito grande a essa área de estado sólido, e no futuro poderia substituir as luminárias de tungstênio e até fluorescente.



"Nada sai da área acadêmica para a prática. Nada chega à indústria ou a uma linha de produção, e depois à sociedade. Esse é o grande problema do Brasil. Não transformamos conhecimento em riqueza"

IHU On-Line - Quais são os resultados que o senhor já percebeu com essa pesquisa?

Ronaldo Giro - Aqui no Brasil, já existe um potencial humano bem razoável. pois em torno de 600 pessoas já estão bem formadas nessa área. O nosso objetivo é entender a injeção de portadores elétron na interface, porque, hoje, o gargalo dessa tecnologia é justamente isso: você tem, na interface metal e orgânica, áreas em que o elétron entra pelo dispositivo e outras em que ele não entra. Nas regiões em que entra, forma correntes muito intensas, que faz com que o tempo de vida desse dispositivo diminua bastante. O nosso objetivo é tentar encontrar respostas de por qual razão acontece isso. Apesar de chegar já no estágio de comercialização, a sociedade vai receber o dispositivo com essas falhas ainda. Ele funciona, mas podia ter uma vida útil muito major.

IHU On-Line - Já existe algum consenso das nanotecnologias em relação à sua pesquisa?

Ronaldo Giro - Quando falamos em nano, significa falar de uma escala que até então a sociedades ainda não tinham alcançado. Tudo o que vimos de dispositivos estão na escala microscópica, agora que começamos a chegar à escala nano. Logo, teremos transistor na escala nanométrica. O interessante disso é que, quando você vai diminuindo a escala, percebe propriedades que até então nunca eram vistas. Com isso, você passa a controlar propriedades óticas. Por exemplo, a emissão de luz pode ser controlada na faixa certa do espectro, assim como a absorção de luz. Então, você começa a otimizar propriedades que antes eram praticamente impossíveis. Isso serve para se entender como fazer uma engenharia átomo a átomo.

IHU On-Line - Depois de tantas transformações e criações, o homem pode, de repente, perder o seu espaço e dar lugar as tecnologias com inteligência artificial?

Ronaldo Giro - Não, eu creio que o homem nunca será substituível. Ele é criativo e nem uma máquina conseguirá substituí-lo. Somos seres muito complexos. Acredito que isso só venha para complementar e facilitar a vida do ser humano. Conforme as tecnologias surgem, nos adaptamos e evoluímos, de forma que a sociedade pode ficar trangüila. As tecnologias artificiais só trarão facilidades para nossas vidas, mais eficiência para economia de energia. Para você ter uma idéia, 30% da energia elétrica é consumida com iluminação. Isso é muito. Se você consegue fazer um dispositivo ter o dobro de eficiência de uma lâmpada fluorescente – que hoje é a mais eficiente -, você faz uma economia absurda. A nanotecnologia trará melhora à qualidade de vida e à economia mundial. Ela não vem competir com o homem, mas atuar como um plus em sua vida.

IHU On-Line - Mas alguns estudiosos falam que o homem tem cada vez mais tendência para se transformar num ciborgue, para transformar o seu corpo a partir das tecnologias e, no futuro, através das nanotecnologias. Que conseqüências essas transformações pode trazer para a sociedade?

Ronaldo Giro - Nesse sentido, você tem razão. Há bastantes materiais biocompatíveis com o homem. Alguns podem, por exemplo, substituir um braço. Futuramente, até olhos biônicos poderão ser feitos. Mas eu não acredito que exista algo que seja mais complexo do que o cérebro humano, ou seja, nem uma máquina poderá substituí-lo. Apenas nós temos capacidade de nos adaptar e de achar respostas para situações adversas, respostas que uma máquina não tem. Se você coloca um robô, por exemplo, numa missão em Marte, você pode fazer o programa mais completo possível: se der alguma coisa errada, a missão é perdida. Só o homem tem capacidade de se adaptar e de tentar achar um jeito de resolver uma situação inesperada. Então, a nanotecnologia e a inteligência artificial, ou a evolução que possa vir a existir, não superam o cérebro humano. Podemos ter algo ciborgue se tivermos uma perna humana, um braço mecânico, uma visão mecânica, mas continuamos a ser humanos. Possibilitar realizar aquilo que nossa criatividade permitir é algo que as novas tecnologias fazem.

IHU On-Line - Como o senhor vê a situação da pesquisa na área de nanotecnologias hoje no país?

Ronaldo Giro - A pesquisa no Brasil é um caso sério. Existe um grande esforço para que ela realmente deslanche. Então, começou a ser formada uma pós-graduação na área, que hoje é forte, com profissionais altamente competitivos. A Europa e os Estados Unidos já reconhecem essa realidade e vêm atrás da gente. No entanto, o grande gargalo do Brasil é que ele não aproveita as pessoas formadas. Não há vaga de trabalho quem estuda nanotecnologias, porque a indústria não absorve. A universidade não tem como contratar porque já está saturada e o empresário brasileiro não sabe o que é inovação, apenas o que é gestão. Então, precisa surgir uma nova geração, que saiba o que é inovação, o que não acontecerá tão cedo. Eu, por exemplo, estou deixando o país para não ficar desempregado. É isso o que está acontecendo: estamos exportando mão-de-obra qualificada, porque não sabemos aproveitá-la aqui. Perde-se muito, porque uma pessoa na área de nanotecnologia pode gerar bilhões para o país. O ministro da Ciência e Tecnologia sabe, mas pouco pode ser feito, à medida que é um problema cultural do Brasil.



"A nanotecnologia e a inteligência artificial, ou a evolução que possa vir a existir, não superam o cérebro humano"

IHU On-Line - As nanotecnologias desenvolvidas hoje, aqui no Brasil, atendem às exigências da razoabilidade prática?

Ronaldo Giro - Esse é o problema. Na parte acadêmica, nós estamos pé a pé com os países desenvolvidos. No entanto, o problema é que nada sai da área acadêmica para a prática. Nada chega à indústria ou a uma linha de produção, e depois à sociedade. Esse é o grande problema do Brasil. Não transformamos conhecimento em riqueza. No entanto, o problema não é da academia, e sim da sociedade. O Brasil concentra sua indústria na área extrativista e um pouco na área petroquímica. Essas empresas não têm mentalidade de ter fabricação de tecnologia própria e não estão interessadas em desenvolvê-la.

A inteligência artificial pode ser usada para facilitar o estudo mais automático e encontrar respostas para problemas muito complexos de estudos de matérias. Já a nanotecnologia é algo muito vasto. Vai da área de materiais, passa pela área de fármacos, entra na de agricultura, pode ser usada para tratamento de efluentes e conseguir eliminar materiais tóxicos e metais pesados. Ela também tem riscos. Não sabemos o que pode acontecer na natureza e nos seres humanos. É tudo novo, mas trará mais benefícios do que malefícios, com certeza. Tudo o que é novo desperta curiosidade e um certo medo, mas as oportunidades são imensas. A cada dia, o mercado mundial de nanotecnologias cresce. E as nacões desenvolvidas olham com muita atenção para esse assunto, porque ele é estratégico para a economia e para a garantia da sobrevivência do Estado.

Nanotecnologia, saúde e ambiente: riscos e benefícios

Priscyla Marcato fala sobre o uso da nanotecnologia na área farmacêutica e declara: "a busca pela eterna iuventude nunca será saciada"

POR GRAZIELA WOLFART

o falar sobre os benefícios e riscos da nanotecnologia e da nanobiotecnologia, a professora Priscyla Daniely Marcato afirma, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, que as vantagens desta nova área para a saúde humana são diversas: "a detecção precoce de doenças, como o câncer, tratamentos mais eficientes de diversas doenças, com redução da toxicidade e dos efeitos colaterais e com um número menor de doses". No entanto, Marcato alerta que, "apesar das vantagens, a nanobiotecnologia pode trazer riscos ao ser humano se produzida sem controle". Priscyla Marcato é graduada e mestre em Química, pela Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de nanobiotecnologia. Atualmente, faz doutorado no Instituto de Química pela Universidade de Campinas na área de Nanobiotecnologia aplicada em cosméticos, com experiência em preparação de nanopartículas lipídicas sólidas, caracterização físico-química destes sistemas e teste *in vitro* de permeação em pele.

Acompanhe, em cada edição, entrevistas exclusivas que abordarão a ampla temática das nanotecnologias. Os debates publicados nessa editoria subsidiam a discussão que será aprofundada no Simpósio Internacional Uma Sociedade pós-humana: Possibilidades e limites das nanotecnologias. O evento ocorre entre os dias 26 e 29 de maio, na universidade. Acesse a programação completa na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - O que podemos entender por nanobiotecnologia, desde seu conceito até sua aplicação? Quais seus principais benefícios? Priscyla Daniely Marcato - Nanotecnologia é a manipulação da matéria ao nível molecular, visando à criação de novos materiais, substâncias e produtos aplicados em processos biológicos. Os benefícios da nanobiotecnologia são diversos, como, por exemplo, redução de toxicidade, liberação len-

ta de ativos, redução no número de doses no caso de fármacos ou cosméticos que tenham na sua formulação nanoestruturas, aumento da reatividade, melhoramento das propriedades físicas de materiais entre outras.

IHU On-Line - A nanobiotecnologia causa algum impacto ambiental? Qual?

Priscyla Daniely Marcato - Sim, a nanotecnologia pode causar tanto im-



"Se forem produzidas nanoestruturas biodegradáveis e com diâmetros controlados, estes riscos (da nanotecnologia) são muito reduzidos"

pactos positivos quanto impactos negativos ao meio ambiente. Em relação aos impactos positivos, podemos citar tratamentos mais eficientes de águas e solos contaminados e detecção de contaminantes utilizando nanobiosensores. Em relação aos impactos negativos, estes ainda não são bem conhecidos, pois ainda não há relatos de estudos a longo prazo. Entretanto, já há relatos de que nanoestruturas podem se acumular em peixes e alterar o crescimento de milho, soja e cenoura.

IHU On-Line - Quais são os principais avanços da nanotecnologia farmacêutica, principalmente aquela aplicada aos cosméticos? O que já está disponível no mercado?

Priscyla Daniely Marcato - A nanotecnologia já está presente na área de cosméticos há algum tempo, principalmente para proteger moléculas que se degradam facilmente como a Vitamina C. Além disto, nanoestruturas em cremes podem diminuir a perda de água através da pele aumentando a hidratacão da mesma. Já há diversos cosméticos com nanotecnologia no mercado, principalmente em cremes antiidade e também em cremes corporais para aumentar a hidratação. Na área de fármacos, ainda há poucos produtos no mercado, entretanto estes ainda são muito caros e pouco accessíveis.

IHU On-Line - Como os avanços da nanotecnologia contribuem para saciar a sede humana pela eterna juventude? Priscyla Daniely Marcato - Na minha opinião, esta busca pela eterna juventude nunca será saciada, mas a nanotecnologia pode contribuir muito nos tratamentos antiidade. Isto porque nanoestruturas podem aumentar a penetração de moléculas (princípio ativo) através da pele até a região de ação da mesma, como, por exemplo, até a derme, na qual um princípio ativo especí-



fico pode estimular a produção de elastina e colágeno que conferem à pele firmeza e elasticidade, suavizando rugas. No nosso laboratório, desenvolvemos pesquisas voltadas para esta área, com o desenvolvimento de diferentes nanoestruturas no carreamento de moléculas com atividade cosmética.

IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições que a nanotecnologia pode oferecer à saúde humana? Ela oferece algum risco também?

Priscyla Daniely Marcato - As vantagens para a saúde humana são diversas, como a detecção precoce de

doenças, a exemplo do câncer, tratamentos mais eficientes de diversas doencas, com reducão da toxicidade e dos efeitos colaterais e com um número menor de doses. Apesar das vantagens, a nanobiotecnologia pode trazer riscos ao ser humano se produzida sem controle. Pois, dependendo do diâmetro das nanoestruturas e do material de que estas são formadas, elas podem se acumular em diferentes órgãos causando danos no tecido ao redor e podem até se acumular no cérebro. Porém, se forem

produzidas nanoestruturas biodegradáveis e com diâmetros controlados, estes riscos são muito reduzidos.

IHU On-Line - Na sua opinião, quais são as conseqüências de uma possível "popularização" das nanotecnologias na sociedade?

Priscyla Daniely Marcato - Uma das primeiras conseqüências é a queda do preço de produtos com esta tecnologia que ainda são muito elevados. Além disto, pode haver um aumento na qualidade de vida como acontece com a introdução de uma nova tecnologia.

LEIA MAIS...

- >> Confira outras entrevistas realizadas pela IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.
- * Entrevista com Edmilson Lopes Júnior, publicada na IHU On-Line número 251, de 17 de março de 2008, sob o título "A inserção das nanotecnologias na vida humana: como será o futuro?"
- * Entrevista com Paulo Martins, publicada no sítio do IHU em 15-03-2008, sob o título "Nanotecnologias: a relação com o meio ambiente e a sociedade"
- * Entrevista com Marko Monteiro, publicada no sítio do IHU em 19-02-2008, sob o título "Somos ciborgues? Nanotecnologias e as conseqüências na sociedade"
- * Entrevista com Wilson Engelmann, publicada no sítio do IHU em 12-01-2008, sob o título "As nanotecnologias. Uma reflexão ética a partir de John Finnis"
- * Entrevista com Luiz Alberto Oliveira, publicada no sítio do IHU em 12-12-2007, sob o título "A robótica, a biotecnologia e a nanotecnologia. O redesenho da forma humana e das formas da vida"
- * Entrevista com Richard Dulley, publicada no sítio do IHU em 28-02-2008, sob o título "Eu mesmo, de certa forma, já sou uma espécie de ciborgue"
- * Entrevista com Vera Lúcia Caldas Vidal, publicada no sítio do IHU em 17-11-2007, sob o título "Tecnobiociências. 'Diante do menor risco, devemos parar'"





Editoria de Poesia

Leandro Sarmatz

Por André Dick

O poeta e dramaturgo Leandro Sarmatz nasceu em Porto Alegre, em 1973, mas vive em São Paulo, onde trabalha como redator-chefe da revista Vida Simples (Editora Abril). É jornalista e mestre em Letras pela PUCRS. Publicou a peça Mães e sogras, que será encenada este ano na capital paulista e poemas em revistas como Cacto, Inimigo Rumor e Jandira. Sua poesia, especificamente, é uma das mais originais de sua geração, pelo influxo de imagens que costuma trazer. Sem ficar preso a formatos, os versos de Sarmatz têm tamanhos e dicções variadas, utilizando um ritmo polifônico. Vão desde um humor mais mórbido, como no poema "Resíduos" (com seus versos "O pouco que é vida ainda conserva / o muito que é morte e nos reserva, / quase réstia, no pesar do dia / o fim: reconhecimento desta / e de outras mortes, suntuosas"), ou "Sutileza metafísica" (com sua ode à reclusão: "Repara o quanto há de danoso / em cada pensamento e diz: 'atenção, / para a ironia' / Como uma espécie / de vigília, vê a rua no fundo / da janela e, tão logo desça à treva, / sai por aí dizendo o quanto a vida é princípio e fim, pois toda a graca / está no achar-se em meio à perda: / em catar-se na miudeza, na arte / (quase municipal) de recolher-se"), até uma reflexão contundente sobre o holocausto, um tema raro na poesia brasileira. Nesse sentido, Sarmatz emprega imagens que se adequariam à poesia de Celan, mas não costuma fazer rupturas extremas com a sintaxe, certamente porque escreve em outro período e não quer reduzir sua visão a um silêncio verbal já diluído.

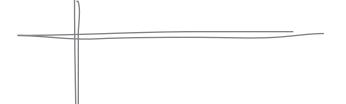
Ele, por exemplo, escreve no poema "Logocausto": "Uma língua de mortos. Idioma anti-segredo, a sibilar no espelho / seu eco de cova no indoeuropeu ainda. / Todas aquelas bocas costuradas, milhões de boca e mais nenhuma. / Onde haverá céu para suportar tantas vozes elevadas?", falando, mais adiante, em "riospalavras" que fertilizam "campos do idioma". Em "Ecologia da memória", por sua vez, escreve: "Dor sentida sem pausa como o ar rarefeito que aqui inspiramos / dor cinzenta e dura que nem conseguimos divisar no sangue / a cura e a doença / a noite e o dia / dor que penetra em cada poro, cova, kadish / que atravessa pulmões, coração, pênis, fígado, cérebro / e devasta os meses / e produz em meio à terra mitigada / uma semente espúria de nascença". Há, sem dúvida, nessa filosofia sobre a morte, um certo pessimismo corrosivo, contrapondose a uma certa mitologia heróica, encontrado, por exemplo, em alguns fragmentos do poema longo em tercetos "Não": "Basta de Heráclito, querida, / isso já parece familiar: / teus pais, guem sabe, / / ou mesmo os filhos que, / num dia chuvoso, / virão a sós e, conosco, / / servirão de bucha e merda / nesse mundinho hostil / e pobre onde os fizemos; / e os filhos deles, e os filhos / dos filhos, gerações inteiras / copulando e morrendo / / terão seus dias de sol, / suas noites frias e sem berço, / suas cruzadas metafísicas".

Alguns de seus poemas também tem uma bela musicalidade, como "Anti-Ronsard": "Flor cásutica, / ocaso em pétala, / fluxo de / linguagem / em outra, espiralada, / flor soturna e baça / — baixa — / na noite mais / decrépita: / / — acolhe-me, ó / tempo / em gesta, / tempo / sem mote, / desbastado em / toda crespa / época / (chamam- / na pétrea)".

Outra marca de seus poemas é a citação de referências populares e de autores. Alguns deles possuem uma linguagem coloquial, recuperando diálogos de ruas, ou imagens do cotidiano, como em "Abrindo a correspondência": "As poucas folhagens e arbustos / trespassam a porta da casa: cá dentro, / cá fora. / Uma forma educada / de se quebrar os pratos — / mansa, desentranhada, / pode ser a única que reconhecemos". Em "SP:", focaliza a imagem da metrópole paulistana: "Agui não há inverno. Agui não há tremor. / O sol se põe logo após o telejornal. / / Impossível uma ode; tampouco elegia. / A vida pulsa mesmo em quem já morre". No poema "Corpo vivo", elabora uma tensão vital ao ser humano: "Ao longo das fibras do desejo, pelas cordas / distendidas da energia, neste coroado / corpo desprezado eu beijo a gloriosa / simetria, a purgada carne / extremada e sintética alegria".

Suas paisagens também não raramente evocam um ambiente europeu - como no poema "Síndrome de Estocolmo", enviado especialmente à IHU On-Line, que faz parte do seu livro inédito *Logocausto* -, e uma ironia corrosiva, evidente no outro poema enviado, "Astúcia", que, no Brasil, parece dialogar com a obra de Sebastião Uchoa Leite (1935-2003).





Síndrome de Estocolmo

A luz do sol me dá claustrofobia Ingmar Bergman

Arlanda Airport

Porque o branco e o frio tomaram conta Porque a neve em grossas camadas nos cobriu.

Há gregos, sem dúvida, Hagar o Terrível, árabes: lívido líquido humano, sangue em profusão. Desfile imaginário de celebrações passadas. Um enterro. Uma sombra sem sol. Pernas.

A bagagem poderia ter sido reduzida. Só memória e silêncio, um mínimo apenas de conversa. Mas é o oposto. A antítese de tudo o que é calor, sim, um frio ardente, abrasador. Mas frio. Mas frio.

Drottnigatan

A mesma cupidez capaz de, aqui e acolá, revelar-nos a fonte inexeqüível dos mistérios da mercadoria. A irmã de alguém passeia nua, abaixo de zero uns 20 graus. A velha cidade aparece, e suas muralhas mal conseguem conter a revoada de salmões. Parece difícil, no entanto, discursar a respeito das similitudes entre memória e fato, ficção e olvido, quando tudo parece vedado em um tupperware jogado no meio da calçada como uma carniça.

Gamla Stam

Walt Disney, meu caro, você teria amado tudo isso: casinhas semi-enterradas, ruelas, beco beco beco.

Mistura improvável de bazar e parque numa ilha habitada por artesãos hindus, peruanos cantantes, judeus do leste, putas da Polônia e sombras mutiladas da última guerra da Bósnia-Herzegovina.



No apartamento de Strindberg

Aqui viveu, neste elevador subiu aos céus da arte teatral e desceu ao inferno da vida comezinha o dramaturgo August Strindberg, o maioral local. Aqui gritou. Aqui escreveu. Aqui leu Die Fackel, de Karl Kraus. Mas aqui não há banheiro. (Tanta merda tinha que dar nisso.)

A grande Estocolmo

É o trem que passa ou a vida?

Num bairro operário

A grande fábrica da Scania simula um cenário pós alguma coisa em seu caráter eminentemente industrial.

Vapor desmancha a neve. Aziz vai ao trabalho, preocupado com o ar e com a Arábia.

Arlanda Airport II

Permanecer para sempre esquecido desta terra, deste sangue.

Aprisionar em algum canto da memória este lapso, esta carne, este espaço.

Astúcia

Perito em mim menos eu mesmo

não consigo demonstrar esforço:

se fizer o que gosto com desgosto

é melhor roer meu próprio osso.



Destaques On-Line

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 24-03-2008 a 29-03-2008.

'Vivemos em uma ditadura cultural muito forte' Alexandre Rampazzo

Confira nas Notícias do Dia 20-03-2008

Nesta entrevista, Alexandre Rampazzo, diretor do documentário *Nas terras do bem-virá*, fala sobre o trabalho de pesquisa em relação ao trabalho escravo no norte do país e os debates acerca do tema.

Poesia, música, publicidade e literatura: uma mistura de linguagens.

Ricardo Silvestrin

Confira nas Notícias do Dia 23-03-2008

Ricardo Silvestrin falou sobre poesia, letra de música e sobre a diferença entre poesia e publicidade.

"É restritivo demais pensar só no jornalismo como centro da discussão midiática".

Ivana Bentes Oliveira

Confira nas Notícias do Dia 24-03-2008

Ivana Bentes Oliveira analisou as grandes corporações de mídia, o papel da imprensa alternativa, os cursos de comunicação e a obrigatoriedade do diploma.

O cuidado com os animais. Raquel Bacarat da Silva

Confira nas Notícias do Dia 25-03-2008

Normas de alojamento de animais submetidos a sistema intensivo de produção foi o tema tratado por Raquel Baracat da Silva, que fala também sobre as condições de trabalho daqueles que conduzem esses animais Plantando a semente de Dorothy. Binka Le Breton

Confira nas Notícias do Dia 26-03-2008

Binka Le Breton fala sobre seu livro *The greatest gift* (algo como *A grande entrega*), biografia da irmã Dorothy Stang, assassinada em fevereiro de 2005 no Piauí, que conta sua história na luta contra o trabalho escravo no Brasil.

A privatização dos oceanos?

Fabio Lang da Silveira

Confira nas Notícias do Dia 27-03-2008

"É curioso que se conheça muito bem as rotas migratórias das aves, mas as dos organismos marinhos continuem grandes incógnitas", afirma Fabio Lang da Silveira, nesta entrevista sobre o projeto Censo da vida marinha.

A crise do jornalismo na América Latina. Erick Torrico Villanueva

Confira nas Notícias do Dia 28-03-2008

O boliviano Erick Torrico Villanueva fala sobre a relação da comunicação e política na América Latina e das mídias e os governos.

Mundo do trabalho, sindicalismo e nanotecnologias Ruy Gomes Braga Neto

Confira nas Notícias do Dia 29-03-2008

Ruy Gomes Braga Neto fala sobre o mundo do trabalho, a crise do sindicalismo brasileiro e o impacto das nanotecnologias no emprego e na saúde do trabalhador.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu







Revista do Instituto Humanitas Unisinos



IHU em Revista



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU. A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 01-04-2008

Cinema e Saúde Coletiva III: mulheres e seus múltiplos desafios

Exibição do filme Lanternas vermelhas (Zhang Yimou, 1991)

Debatedora: Profa. Dra.Mirian Dolores Baldo Dazzi - Curso de Gestão Cultural - Unisinos

Horário: Das 19h15min às 22h

Local: Sala 1G119 - IHU Dia 02-04-2008

Uma sociedade pós-humana? Uma visão a partir do cinema

Exibição do Filme: Blade Runner (Ridley Scott, 1982, 117min)

Debatedores: Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos (Manhã)

Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja - Unisinos (Noite)

Horário: Manhãs das 08h30 min às 11h15min e noites das 19h30min às 22h15min

Local: Sala 1G 119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 05-04-2008

Páscoa 2008: um grito contra a violência

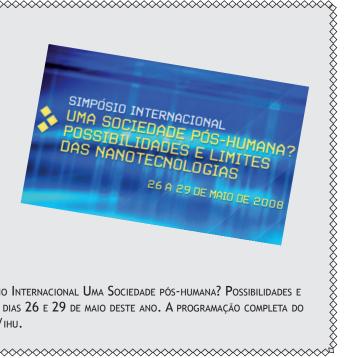
Exibição do filme: Tropa de elite (José Padilha, 2007, 113 min)

Debatedores: Profa. Dra. Flávia Seligman e Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

Horário: 8h30min às 11h45min

Local: Sala 1G 119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos-IHU

VOCÊ JÁ IMAGINOU QUE ALGUM DIA FALARÍAMOS EM FUTURO PÓS-HUMANO? OU, ALGO MAIS SURPREENDENTE, QUE HOMENS E MÁQUINAS PODERIAM SER UM SÓ: HÍBRIDOS?



ESSA DISCUSSÃO ESTARÁ PRESENTE NAS CONFERÊNCIAS E MINI-CURSOS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL UMA SOCIEDADE PÓS-HUMANA? POSSIBILIDADES E LIMITES DAS NANOTECNOLOGIAS. O EVENTO ACONTECERÁ NA UNISINOS ENTRE OS DIAS 26 E 29 DE MAIO DESTE ANO. A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO ENCONTRO JÁ PODE SER CONFERIDA ATRAVÉS DO NOSSO SÍTIO WWW.UNISINOS.BR/IHU.



Pós-máquinas ciberhominizadas? O pós-humano e o movimento social do capital

A partir do filme *Blade Runner - O caçador de andróides*, Giovanne Alves destaca a influência do capitalismo nos conceitos de humanidade e pós-humanidade, que se ganham mais visibilidade em meio à revolução tecnológica

POR BRUNA QUADROS

ara o sociólogo Giovanni Alves, o capital é um modo de controle estranhado do metabolismo social; um modo de controle baseado na propriedade privada e troca mercantil. "Estamos diante de um sistema social do capital em que a tecnologia alcançou seu pleno desenvolvimento", afirma ele, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line. A discussão gira em torno da temática do filme Blade Runner - O caçador de andróides, de Ridley Scott, no qual replicantes, com mais força, agilidade e inteligência do que seres humanos, estão em busca de um único fator que os tornariam, também, humanos: o tempo de vida. "Hoje, o hipercapitalismo reduz nosso tempo de vida, a tempo de trabalho", reforça Alves. Neste sentido, o sociólogo destaca que o problema não é o homem, no sentido metafísico, "mas um determinado tipo de homem, o homem burguês, homem da aquisitividade econômica. E não se trata do homem buscar ser infalível ou ambicioso — no sentido moral —, mas de pertencer a um sistema social cuja lógica visceral é a acumulação de valor abstrato", enfatiza. Giovanni Alves é professor livre-docente de sociologia da UNESP — Campus de Marilia, pesquisador do CNPq, autor de vários livros sobre trabalho e globalização, coordenador da RET (Rede de Estudos do Trabalho) e do Projeto Tela Crítica. Confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) as entrevistas concedidas por ele, intituladas "Como enlouquecer seu chefe" e "Temas candentes da sociedade burguesa em discussão".

O filme *Blade Runner* será exibido e debatido no próximo dia 02 de abril, pela Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher e pelo Prof. Dr. Celso Cândido, ambos integrantes do corpo docente da Unisinos. A atividade, que integra o evento Uma Sociedade Pós-Humana: uma visão a partir do cinema, é promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e será realizada na sala 1G119 do IHU, em dois horários: pela manhã, das 08h30 às 11h15; e à noite, das 19h30 às 22h15. O evento é uma preparação ao Simpósio Internacional Uma Sociedade Pós-Humana? Possibilidades e Limites das Nanotecnologias, que será realizado de 26 a 29 de maio, na universidade. Para saber mais, acesse: www.unisinos.br/ihu.



IHU On-Line - Em *Blade Runner*, os seres criados são idênticos aos humanos, porém mais ágeis, fortes e inteligentes. É possível acreditar que os homens estejam perdendo espaço para as máquinas?

Giovanni Alves - Blade Runner é um filme de ficção científica que expõe numa linguagem fantástica, a distopia de uma humanidade degradada pelo metabolismo social do capital. O filme nos apresenta não apenas a degradação social. O estilo noir de Ridley Scott também sugere um mundo social agudamente dessocializado, ecologicamente degradado (a chuva ácida que cai em Los Angeles é resultado de uma deterioração paulatina do ecossistema terrestre). Ora, o capital é um modo de controle estranhado do metabolismo social, um modo de controle baseado na propriedade privada e troca mercantil. Estamos diante de um sistema social do capital em que a tecnologia alcançou seu pleno desenvolvimento. Em Blade Runner, o homem é capaz de produzir outros "homens", verdadeiros ciborgues, "máquinas" inteligentes, ágeis e robustos, utilizados como trabalho servil. Os replicantes ou andróides são os proletários do tempo histórico de Blade Runner. Talvez a utilização dos replicantes como força de trabalho vivo no filme seja economicamente mais rentável do que a utilização de homens. Nesse caso, os homens na narrativa de Ridley Scott estão perdendo espaço para os replicantes. Na medida em que são trabalho vivo, produzem mais. Entretanto, são máquinas, mas inteligentes. É curioso que, em Blade Runner, os replicantes sejam mais humanos que os próprios homens. Este é um dos paradoxos do filme que explicita uma inversão: máguinas inteligentes num mundo de homens mecanizados. Os replicantes de Ridley Scott têm algo em comum com o computador HAL, de 2001 - Uma odisséia no espaço, de Stanley Kubrick: embora sejam objetos técnicos complexos, criações do homem, conseguem expressar, mais do que o homem, mesmo que numa forma estranhada, sentimentos dignos do homem, para o bem e para o mal. Na ficção científica de Ridley Scott, temos, de fato, o mundo da barbárie social, um mundo social em processo de desefetivação, em que a degradação humana atingiu seu limite irremediável (inclusi"Quando as máquinas aparecem como 'vilãs da história', elas apenas expressam, de forma mistificada, relações sociais estranhadas, o capital"

ve, degradação ecológica). É claro que se trata de um filme ficção científica, mas que possui um caráter hiperrealista, pois nos fala de possibilidades candentes (e preocupantes) da ordem estranhada do capital.

IHU On-Line - Podemos pensar as máquinas como extensões do homem? Giovanni Alves - Em Blade Runner, os replicantes não são, a rigor, meras máquinas. São objetos técnicos complexos, ou o que eu denomino "pós-máquinas ciberhominizadas". No meu ensaio "Fetichismo e ciberespaço", publicado no livro Dialética do ciberespaço (Ed. Praxis, 2002), desenvolvo o conceito de pós-máquina e ciberhominização. É uma tendência do desenvolvimento tecnológico sob o capitalismo hipertardio a produção de novas máquinas que são, na verdade, pós-máquinas, isto é, objetos técnicos inteligentes que almejam adquirir atributos tipicamente humanos. Inclusive, eles contêm, em sua forma material, traços virtuais ou espectrais de emancipação humano-genérica, como os replicantes, que aparecem como homens e mulheres perfeitos, em seus atributos demasiadamente humanos. Ouando falamos em máquinas, temos em mente objetos tecnológicos que nasceram da segunda ou da terceira Revolução Tecnológica. Mas, hoje, vivemos a quarta Revolução Tecnológica, a revolução informacional e biotecnológica, marcada pela manipulação do código genético. Depois da revolução da informática e informacional, a próxima "revolução",

no bojo desta guarta revolução tecnológica, é a revolução biotecnológica. Surge a possibilidade real da produção de novos homens, uma nova hominidade desumanizada, não apenas por conta do arcabouço tecnológico, mas das próprias condições sociais de dominação do capital. Na medida em que esta nova tecnologia se desenvolve no seio do mundo do capital, ela não pode servir aos homens, embora contenha promessas candentes de emancipação humana. O homem é um animal social. Na verdade, o que oprime os homens e mulheres são as condições sociais de sua existência humana e não os objetos técnicos que eles possam produzir. Quando as máquinas aparecem como "vilãs da história", elas apenas expressam, de forma mistificada, relações sociais estranhadas, o capital. Precisamos ter cuidado para não "culpar" as máquinas, ou os replicantes, no filme Blade Runner, pela desgraca humana.

IHU On-Line - A realidade social apresentada no filme se volta para o capitalismo. Que relações podem ser estabelecidas, diante da sociedade atual, onde a cultura capitalista também impera e os avanços tecnológicos são constantes?

Giovanni Alves - O mundo social de Blade Runner é um mundo capitalista em sua forma monopólica. O poder social e político está com as grandes corporações, como a corporação Tyrell, que produziu os replicantes como uma nova forca de trabalho barata e descartável. Todos os elementos da sociabilidade capitalista estão presentes no filme, a exemplo do domínio da forma-mercadoria e a divisão hierárquica do trabalho. Inclusive, a produção dos replicantes, seres humanóides produtos da sofisticada engenharia genética, ocorre de forma parcelar. Temos um trabalhador coletivo altamente qualificado, mas proletarizado, como Sebastian, o criativo engenheiro que fez o design dos replicantes. É um mundo da manipulação social e do aparato midiático que divulga insistentemente as mercadorias das corporações industriais. Nesse sentido, o capital como metabolismo social articula tecnologias avancadas, manipulação midiática e exploração humana e humanóide.



"É urgente mudarmos a lógica social que organiza a sociedade humana, abolindo o capital como modo de controle do metabolismo social"

IHU On-Line - O conceito de ser ou não humano se confunde, ao longo da trama. Em que medida o filme contribui para a construção da identidade do homem?

Giovanni Alves - Blade Runner trata da desefetivação humana. Este é o significado do conceito de barbárie social, perda do sentido de realidade, devido à aguda manipulação da subjetividade humana. É o que constatamos hoje de forma intensa com o capitalismo manipulatório, o capitalismo da "captura da subjetividade". O filme trata da degradação do homem e de seu meio ambiente. É importante não esquecer que o filme se passa num planeta Terra em extinção, degradado ecologicamente. Acredito que hoje, mais do que nunca, coloca-se, sim, a possibilidade da catástrofe ecológica. Outro elemento de degradação ou desefetivação da identidade humana é a perda da memória pessoal. Existe uma obsessão nos replicantes: possuir uma memória pessoal, pois é ela que nos dá a identidade humana. Nos dias de hoje, sob o capitalismo da "presentificação crônica", como nos diz Hobsbawm,1 se manipula em demasia a memória social e pessoal. Enfim, manipula-se e nega-se o âmago da identidade humana. A sociedade de Blade Runner é uma sociedade negada em sua capacidade de se afirmar como sujeitos de sua própria história. Os únicos personagens que buscam fazer a sua história e que se insurgem no filme de Scott são os replicantes. Talvez eles nos façam lembrar o que somos e o que podemos perder, na medida em que nos integramos num sistema social do controle estranhado do capital.

IHU On-Line - Em que sentido esse tipo de filme revela o sentimento do homem contemporâneo em ser cada vez mais infalível e sem limites no sentido de alcançar seus objetivos? Giovanni Alves - O problema não é o homem, no sentido metafísico. O problema é um determinado tipo de homem, o homem burguês, homem da aguisitividade econômica. E não se trata do homem buscar ser infalível ou ambicioso — no sentido moral —, mas de pertencer a um sistema social cuja lógica visceral é a acumulação de valor abstrato. Enfim, a tecnologia se desenvolve de forma intensa e irracional, não porque o homem seja ontologicamente um ser pretensioso que busca ser Deus (como o mito hebreu da Torre de Babel supõe), e sim porque o modo de organização da produção da vida social e o modo de produção capitalista assim o exige. O lema do capitalismo é: acumulai, acumulai, e acumulai. A natureza e a humanidade que se danem. É urgente, hoje mais do que nunca, mudarmos a lógica social que organiza a sociedade humana, abolindo o capital como modo de controle do metabolismo social.

IHU On-Line - Como seria uma sociedade controlada e manipulada por homens-máquina? Como fica a questão de valores e crenças?

Giovanni Alves - Nesse caso, seria melhor assistir *Matrix*. Em *Blade Runner*, a sociedade é controlada por homens poderosos, *personas* do capital, que perseguem replicantes proletários, máquinas inteligentes que se insurgiram. Os pobres replicantes buscam apenas ser o que têm supostamente a possibilidade de ser: homens. Eles não têm apenas memória pessoal, mas desenvolvem habilidades emocionais e afetivas. O

que lhes falta é o que falta a todos nós hoje: tempo de vida. Hoje, o hipercapitalismo reduz nosso tempo de vida, a tempo de trabalho. Na verdade, posso dizer que todos nós somos replicantes. E como nos disse Chaplin,³ em *O grande ditador*: "Sois homens. Não sois máquina". Este é o valor fundamental: buscar ampliar o tempo de vida como sendo o campo de desenvolvimento humano. Mas os replicantes eram homens tecnicamente programados para durarem pouco.

IHU On-Line - É possível estabelecer um limite entre o humano e o pós-humano? Que limite seria esse?

Giovanni Alves - O pós-humano é o homem negado pelo movimento social do capital. É o hominídeo desumanizado que perdeu a capacidade de transcender o dado imediato, de ser livre e racional, qualidades imanentes do animal que trabalha e que através do trabalho se tornou homem. Não estamos tratando de limites quantitativos, mas sim qualitativos. Hoje, sob o hipercapitalismo, sem qualidade de vida humana, não temos tempo de vida para desenvolvermos nosso núcleo humano (o que não ocorre se estivermos submersos no trabalho estranhado). Por isso, nos desumanizamos irremediavelmente. A luta hoje é a luta pela redução da jornada de trabalho que assola nossa vida. Eis o tema de *Blade Runner*. Tempo de vida implica desenvolver os valores de liberdade e solidariedade e, acima de tudo, sermos homens e mulheres ativos (isto é, criativos) e não meramente contemplativos, paralisados pelo mero consumismo.

¹ Eric John Earnest Hobsbawm (1917): nascido no Egito, é um historiador marxista reconhecido internacionalmente. (Nota da IHU On-Line)

² Filme de Larry Wachowski e Andy Wachowski, lançado em 1999. A obra traz como tema a luta do ser humano, por volta do ano de 220, para se livrar do domínio das máquinas que evoluíram, após o advento da inteligência artificial. O filme foi exibido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no dia 17 de março, no evento Uma sociedade Pós-Humana? Uma visão a partir do cinema, em preparação ao Simpósio sobre o tema, que será realizado de 26 a 29 de maio, na universidade. Sobre *Matrix*, confira na edição número 250 da IHU Online a entrevista "A reinvenção do ser humano a partir da revolução das máquinas". (Nota da IHU On-Line)

³ Charles Chaplin (1889-1977): mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagems mais conhecidos. Seu principal personagem foi *The tramp* (O vagabundo), um andarilho com as maneiras refinadas e a dignidade de um cavalheiro. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes. (Nota da IHU On-Line)



Submissão e imposição: extremos da personalidade feminina que dividem o gênero na sociedade atual

Mirian Dolores Baldo Dazzi discute as transformações vividas pelas mulheres, a partir do filme *Lanternas vermelhas*

POR BRUNA QUADROS

sociedade na qual vivemos foi estruturada em torno de relações de dominação, entre as quais as de gênero, que consiste em atribuir ao masculino o poder de comandar, decidir e de ocupar o lugar do protetor e provedor. As diferenças e desigualdades constitutivas das sociedades acabam por produzir modelos de 'como viver bem com seus maridos ou companheiros', e os múltiplos entendimentos dessa expressão leva as mulheres, muitas vezes, a não repensarem esses fenômenos, desde uma perspectiva diferente, atravessada ancestralmente por uma subordinação sexual, econômica, social e educativa." A afirmação é da coordenadora do curso de Gestão Cultural da Unisinos, Mirian Dolores Baldo Dazzi. Em entrevista à revista IHU On-Line, por e-mail, ela destaca os desafios que as mulheres enfrentam, hoje, principalmente, no que diz respeito às relações afetivas, tendo como referência o filme Lanternas vermelhas, de Zhang Yimou. "Para alguns jovens, o casamento 'por interesse', como costumamos nomear, é uma prática construída nas inúmeras instâncias educativas que ensinam como alcançar o sucesso, subir socialmente algumas posições na escala social, poder contar com segurança e melhores meios de sobrevivência", reforça.

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU exibirá e discutirá o filme *Lanternas vermelhas*, no dia 1º de abril. O debate sobre a obra será feito pela Profa. MS Mirian Dolores Baldo Dazzi, na sala IG119 do IHU, das 19h15 às 22h. A programação integra o evento Cinema e Saúde Coletiva III: mulheres e seus múltiplos desafios. Mestre em Educação pela UFRGS, a palestrante coordena o curso de Gestão Cultural da Unisinos desde 2007. Atualmente, integra o corpo docente na universidade no curso de Pedagogia, entre outras licenciaturas.

IHU On-Line - Além da poligamia, *Lanternas vermelhas* esboça uma situação de domínio e poder, concedidos apenas aos homens. Qual é o reflexo da trama na sociedade atual?

Mirian Dazzi - Podemos analisar as situações de domínio e poder que são apresentadas no filme como construções. Isso não significa que não sejam visíveis seus efeitos. Efeitos que sentimos nos nossos corpos, nos nossos desejos e sentimentos, inscritos na materialidade das nossas práticas diárias, como mulheres. Portanto, entende-se que os inúmeros efeitos dessas e da tantas outras histórias que devem ser sempre

revistas e relidas para aprofundarmos o debate, tanto no campo epistemológico quanto político, nos ajudarão a compreender a constituição de feminilidades e masculinidades nas diversas culturas. Tomo os movimentos que promovem os inúmeros deslocamentos nas posições de submissão das mulheres como efeitos, produções de sentido que nos constituem como sujeitos de um novo tempo.

IHU On-Line - Na obra, a personagem central, uma jovem de 19 anos, é obrigada a aceitar o convite de casamento de um homem rico e desconhecido para ela. Em contrapartida, sabemos que muitas jovens se rendem ao poder, facilmente. Neste sentido, por que elas se deixam influenciar?

Mirian Dazzi - Considero importante alertar que estou tomando a expressão "se rendem ao poder", como o aceite de um casamento por interesse puramente econômico. Do ponto de vista das relações de gênero e de suas complexas inter-relações com outras questões culturais, tais como etnia e classe social, que nos colocam frente às desigualdades, surgem múltiplas dimensões tramadas por diversas culturas e formas de sociabilidade em relação ao aceite de um "con-



vite de casamento". As expectativas e formas de pensar o casamento para seus filhos e filhas não são construídas apenas na esfera individual, mas também no âmbito familiar, atravessadas pelas inúmeras questões que constituem distintos grupos sociais e culturais. Creio que talvez devêssemos construir um olhar menos reducionista à idéia de "se renderem ao poder", pois essas escolhas são resultado de um processo complexo de significação, através do qual as práticas instituídas pelos diversos grupos sociais, culturais são resultados das articulações das diferenças não apenas em relação à situação social e econômica, mas, também, de etnia, de religião, de geração, de gênero e que muitas vezes se constituem em processos não apenas de dominação, mas também de resistência. Para alguns jovens, o casamento "por interesse", como costumamos nomear, é uma prática construída nas inúmeras instâncias educativas que ensinam como alcancar o sucesso, subir socialmente algumas posições na escala social, poder contar com segurança e melhores meios de sobrevivência. A mídia, tomada como um dispositivo pedagógico, com suas sutis estratégias de linguagem, contribui fortemente para a produção desses jovens, capturado nos discursos que se reproduzem cotidianamente. Dessa forma, a referida "rendição", pode ser entendida como um enunciado que afirma "o que é ter sucesso com um casamento" ou o que seria "ter conseguido um sucesso de casamento".

IHU On-Line - A realidade feminina marcada pela repressão, visto que as mulheres não tinham voz ativa, em qualquer circunstância, na época, é um dos aspectos mais marcantes do filme. Hoje, esta situação é diferente. O que impulsionou esta mudança? Mirian Dazzi - As mudancas ocorridas nas ultimas décadas, em relação aos direitos das mulheres são, certamente, resultado das discussões do tema relacionado às questões de justica social e econômica, mas também se relacionam com questões de injustiça cultural. Na contemporaneidade, cada vez mais percebemos que as questões femininas não estão deslocadas de outras questões importantes da sociedade, entre elas as questões históricas e econômicas. Assim,

"Os estudos sobre as relações de gênero, no mundo todo e, particularmente, em nosso país, não estão se constituindo de modo especial e significativo na direção da ampliação de espaços e reconstituição da identidade da mulher, buscando não 'um acerto de contas com o passado", mas, sim, o direito de apontar algumas diretrizes'"

devemos considerar que a busca por direitos também se dá no cruzamento das diferencas de classe, de situação social, de nível de informação, da formação intelectual e, dessa forma, o direito à voz para defender seus interesses está conectado com capital cultural e social dessas mulheres ou grupos. Certamente, as representações das mulheres no filme são reforçadas por meio das manifestações de poder e domínio. Cenas como as que assistiremos servem hoje e, certamente, servirão por muitas décadas como materiais de investigação e produção científica, favorecendo a consolidação e expansão de coordenadas que promovam o "enfraquecimento" desse poder masculino. A posição ocupada pela mulher na nossa sociedade e cultura ainda se constrói no embate dos desejos de alguns (na sua grande maioria homens, mas mulheres também) expressos através da mídia, da literatura e de tantos outros artefatos da nossa cultura na modernidade favorecendo que possamos viver nossa feminilidade "para além do papel honroso que lhes era concedido de mãe virtuosa e Rainha do Lar". 1 A igualdade de gênero e uma infinidade de outros temas que dizem respeito às mulheres, como a sexualidade, as tecnologias reprodutivas, os modelos familiares, os direitos de propriedade e heranca, por exemplo, que perpassam as mudancas apontadas e que foram incorporados nas práticas de algumas culturas, não conseguem, porém, impedir que ainda sejamos tocadas pelos sentimentos de contrariedade e desconforto que Lanternas vermelhas nos causa.

IHU On-Line - Ainda é comum, em determinadas circunstâncias, mulheres servirem aos homens e, até mesmo, sofrerem com a violência doméstica. O que norteia este público feminino para o caminho da submissão, que obscurece a percepção do seu próprio valor?

Mirian Dazzi - Freqüentemente, usamos a palavra norte como um ponto ideal de referência, que muitos de nós desejamos alcançar. Nessa direção, creio que a subjugação da mulher, por meio da tirania construída, não apenas em relação ao discurso biológico de que ela possui um corpo frágil e, portanto, "de natureza" deficiente, é que fez emergir o entendimento da necessidade de proteção. Assim, passa a ser necessário que uma figura física e, psicologicamente, forte e determinada, ainda permeie muitas das práticas culturais tomadas como verdades universais e naturais, nos posicione como submissas. A beleza e a docura, acrescidas da qualificação de um talento ou dote artístico, muito variável de cultura para cultura (cozinhar, lavar, passar, ser econômica, educar os filhos, para as nossas avós, por exemplo), já apontavam para as relações de poder implicadas na produção social dessas mulheres criadas e educadas "para servirem aos seus homens". Dessa forma, nos dias de hoje, algumas mulheres ainda permanecem

¹ A citação é do livro *Deslocamentos do feminino* (Maria Rita Kehl. Rio de Janeiro: Imago, 1998). (Nota da **IHU On-Line**)



presas à idéia de que se as coisas não estão dando certo no âmbito familiar é por sua culpa. Esse sentimento reproduzido intensamente pela mídia e, particularmente, pelos filmes, novelas e propagandas que nos ensinam como nos tornar sedutora, estar sempre "disponível" para o sexo, cozinhar com amor, lavar e passar para deixar todos os da casa felizes, entre outras tantas "qualidades" que nós mulheres devemos possuir, funcionam na direção da construção da subjetividade da mulher. Consequentemente, essa culpa ou falta deve ser punida promovendo, dessa forma, o apagamento da percepção do "seu próprio valor".

IHU On-Line - A Lei Maria da Penha é, talvez, a maior aliada das mulheres no que diz respeito à proteção e amparo. Mas poucas usam este recurso. O que falta para que o público feminino busque os seus direitos?

Mirian Dazzi - Não gostaria de construir minhas reflexões sobre o momento atual, baseada na idéia de falta, mas, sim, apontar que os movimentos até aqui empreendidos fazem parte de um longo processo. A sociedade na qual vivemos foi estruturada em torno de relacões de dominação, entre as quais as de gênero, que consiste em atribuir ao masculino o poder de comandar, decidir e de ocupar o lugar do protetor e provedor. As diferencas e desigualdades constitutivas das sociedades acabam por produzir modelos de "como viver bem com seus maridos ou companheiros", e os múltiplos entendimentos dessa expressão leva as mulheres, muitas vezes, a não repensarem esses fenômenos, desde uma perspectiva diferente, atravessada ancestralmente por uma subordinação sexual, econômica, social e educativa.

Os estudos sobre as relações de gênero, no mundo todo e, particularmente, em nosso país, não estão se constituindo de modo especial e significativo na direção da ampliação de espaços e reconstituição da identidade da mulher, buscando não "um acerto de contas com o passado", mas, sim, o direito de apontar algumas diretrizes. Estas, mesmo que para um futuro incerto, mas muito desafiador, quanto ao "domínio e poder" masculino que vimos bem delineados, em *Lanternas vermelhas*.

Tropa de elite: uma mancha na farda da polícia brasileira

Corrupção, violação dos direitos humanos e tráfico de drogas retratam a realidade social do país, no filme de José Padilha

POR BRUNA QUADROS

e um lado, o autoritarismo extremo do Batalhão de Operações Especiais da polícia (Bope), no Rio de Janeiro. Do outro, policiais que desvalorizam a sua profissão em um cenário que já não causa mais estranheza: o da corrupção. Os aspectos são, sim, contraditórios, uma vez que profissionais designados a zelar pela segurança de uma sociedade acabam manchando a farda da polícia brasileira. Mais do que isso, violam cruelmente os direitos humanos.

Esta realidade obscura, que também carrega o peso do tráfico de drogas e da violência urbana, ganhou visibilidade, em 2007, no filme *Tropa de elite*. Inspirado no livro *Elite da tropa*, de André Batista, Rodrigo Pimentel e Luis Eduardo Soares. Lançado em 2007, o filme do diretor José Padilha fez sucesso antes mesmo de ganhar as telas do cinema. Conhecido, inicialmente, em cópias piratas, *Tropa de elite* atraiu 700 mil espectadores para as bilheterias, em apenas dez dias de exibição.

O enredo ganhou espaço na edição número 240 da revista IHU On-Line. No artigo "O Bope em ritmo de rock", André Dick, doutor em Literatura Comparada e revisor das publicações do IHU, afirma que *Tropa* de elite, ao contrário do que muitos falam, não é um elogio à ação dos policiais do Bope do Rio de Janeiro. "Ele flagra uma determinada situação, uma maneira de agir de uma determinada polícia. No entanto, o filme procura encontrar um lado positivo no lado negativo dessa polícia, por mais que isso pareça paradoxal", destaca Dick.

Mais do que a farda, a falta de ética da polícia mostrada no filme mancha a integridade dos cidadãos brasileiros, pois viola friamente os direitos humanos. Para Dick, Tropa de elite quer revelar a realidade crua. "Em relação especificamente à violência — bem menor, por exemplo, do que a apresentada em Cidade de Deus -, o filme não revela mais do que o espectador que acompanha telejornais já imagina acontecer: agressões a 'testemunhas', tiros a esmo, violação dos direitos humanos, embora as ditas cenas de tortura devam, infelizmente, ser muito piores na realidade", ressalta.

O filme será exibido no dia 05 de abril, das 08h30 às 11h45, integrando a programação do evento Páscoa 2008: um grito contra a violência, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A análise da obra será proferida pela Profa. Dra. Flávia Seligman, docente da universidade. A exibição de *Tropa de elite* será na sala 1G119 do IHU.

Para conferir o artigo completo, acesse o nosso sítio: www.unisinos.br/ihu.



Perfil Popular

A cada edição, a história de um membro da comunidade.

Maria Lucia Locadio da Rosa

POR GREYCE VARGAS

e o Brasil é uma mistura de culturas e tem várias "caras", uma delas é muito bem representada pela alegre e simpática Maria Lucia Locadio da Rosa. Mãe de quatro meninos, esta mulher forte e sonhadora veio morar em São Leopoldo aos 18 anos em busca de melhores condições de vida para ela e para sua família. Moradora da Vila Brás, ela participa do grupo Mulheres da Brás e do Programa da Ação Social da Prefeitura de São Leopoldo, no qual desenvolve trabalhos de artesanato. Por mais difícil que a vida seja, Maria Lucia está sempre com um sorriso no rosto, dizem as colegas de grupo. Ela se considera uma mulher de fé e tudo o que sonha é ver os filhos estudarem para ter um futuro próspero. Ela recebeu a IHU On-Line, na sede do grupo na Vila Brás.



"Eu não tenho mágoas, não sou uma pessoa de guardar rancor de ninguém. Me dou bem

com todo mundo que conheço"

Com 41 anos, Maria Lucia Locadio da Rosa vive na Vila Brás, em São Leopoldo, há 23. Natural da pequena cidade de Erval Seco, localizada no norte do Rio Grande do Sul, ela veio com a mãe em busca de melhores condições de vida. "Erval Seco fica lá pras bandas de Seberi, Tenente Portela e Palmeira das Missões. Lá no interior, eu trabalhava na roça, capinava, colhia milho, soja, feijão, lavávamos roupas para fora e a vida era muito difícil. Faz tempo que eu não vou para lá", contou. Veio e comecou a trabalhar numa empresa de máquinas injetoras. "Eu vim para cá pra arrumar um lugar melhor para ficar, porque lá era só colônia e aqui já dava para trabalhar em firma, ganhar um pouco mais, eu cheguei aqui e logo já peguei em firma", lembrou ela. O tempo passou e Maria foi demitida da empresa. Com poucos anos de estudos, não teve muita

chance de encontrar um novo trabalho fixo. "Eu estudei só até a quarta série e agora já estou numa idade avançada para estudar, e aí é difícil, mas a gente vai levando com os artesanatos, vendendo e o trabalho no Programa de Assistência Social de São Leopoldo ajuda bastante. Mas eu queria mesmo voltar a trabalhar numa firma", revelou.

Família

Depois de quatro anos em São Leopoldo, Maria Lucia conheceu Elton da Rosa, com que se casou e teve quatro filhos. "O mais velho é Éderson, o outro é Éverson, tem o José Mateus e Josias é o mais novo." Enquanto os filhos só estudam, o marido Elton trabalha numa empresa de couro e sustenta a casa. "Eu ajudo em casa com os artesanatos que faço no grupo", diz Maria. Mas o pouco dinheiro não tira o sorriso do rosto desta mulher. Quando fala dos filhos se empolga e diz que eles foram o melhor presente Deus lhe concedeu. "Eles alegram a minha casa, estão sempre brincando. A minha família, apesar das coisas difíceis da vida, é muito feliz", comentou.





"Eu tenho bastante Se eu não tiver fé não tenho vitória. Para mim, ter fé em Deus tem sido uma benção. Ele tem cuidado da minha família e, principalmente, dos meus filhos"

Vizinhos e colegas

Maria Lucia é muito querida entre as colegas do grupo Mulheres da Brás. Ela conta que nunca brigou com ninguém por onde passou e que é muito amiga de seus vizinhos também. O rosto, apesar das marcas que os anos trazem, é iluminado por uma alegria contagiante. Ela diz também que nunca guarda mágoas e é por isso que se sente tão feliz. "Eu não tenho mágoas, não sou uma pessoa de guardar rancor de ninguém. Me dou bem com todo mundo que conheço", explicou.

Grupo de Mulheres da Brás

"Aqui a gente trabalha, eu faço crochê, corto pano pra fazer tapete e todo mundo se ajuda", conta. Lá, as mulheres se reúnem duas vezes por semana e sempre têm alguma atividade. Além de contribuir para suas próprias vidas e famílias, contribuem com o bairro. Muito feliz com as produções que tem feito, Maria Lucia nos mostra uma série de trabalhos em crochê expostos na loja da sede. "Eu adoro trabalhar aqui, comecei no inverno na campanha do agasalho, não podia estar fazendo nada melhor. Aqui somos

"Aqui a gente trabalha, eu faço crochê, corto pano pra fazer tapete e todo mundo se ajuda"

todas muito companheiras e eu gosto de todo mundo."

Sonho

Como os filhos são sua maior alegria, Maria Lucia dedica a eles seus sonhos. "Tudo o que eu quero é que eles estudem bastante, não larguem a escola e aí podem ter mais chances de arrumar um emprego bom, porque hoje em dia sem estudo não se consegue nada na vida a não ser coisas ruins", reflete ela, lembrando os muitos meninos que viu largarem a escola e entrarem para a criminalidade que assombra o bairro. "O sonho dos meus filhos é trabalhar num lugar muito bom para poderem ajudar em casa." Hoje, o mais velho, Éderson, aos 16 anos, está cursando a oitava série na única escola que o bairro abriga, a Escola João Goulart. "Os outros dois do meio estudam à tarde na João Goulart e o pequeninho, que tem quatro anos, ainda não estuda, mas vai estudar no mesmo lugar porque ali é um colégio muito bom", disse. "Eu gostaria que as coisas melhorassem mais, que tivesse mais emprego. Meu guri daqui a pouco já faz 17 anos e já vai começar a ir atrás de emprego. Eu não guero que ele passe o que a gente passa para arrumar um lugar para trabalhar."

Fé

Maria Lucia e Elton freqüentam os cultos três vezes por semana de uma das igrejas evangélicas da Vila Brás. "Meu marido gosta muito de ir à igreja, ele gosta muito de cantar, de ouvir as palavras de boas que os pastores falam." Ela diz ter muita fé. "Eu tenho bastante fé. Se eu não tiver fé não tenho vitória. Para mim, ter fé em Deus tem sido uma benção. Ele tem cuidado da minha família e, principalmente, dos meus filhos."



IHU Repórter

Dalila Cisco Collato

POR PATRICIA FACHIN

ividida entre o sonho de ser professora e a vontade de seguir a carreira de contabilista, Dalila Cisco Collatto, 37 anos, ingressou na Unisinos com 19 anos, trabalhando numa área muito distinta: a secretaria do antigo Centro de Ciências e Tecnologias. Há 19 anos atuando na instituição, ela migrou por vários setores e hoje é auditora interna da universidade. Em entrevista à IHU On-Line, Dalila relembra momentos emocionantes de sua trajetória profissional e revela seu amor pela vida interiorana, pela natureza e pelos animais.



Origens - Nasci em Porto Alegre, mas com um ano de idade, logo após o falecimento do meu pai, me mudei para Carlos Barbosa. Minha mãe decidiu voltar para o interior e fomos morar com os pais dela. Lá, passei a minha infância e adolescência. Tenho uma afeição especial pela região e considero Carlos Barbosa minha cidade natal de coração.

Infância - Guardo boas lembranças dessa fase da vida. No interior, as brincadeiras eram divertidas. Lembro de pegar vaga-lume na rua, na época do natal, de brincar em valetas quando chovia. Na casa dos meus avós, sempre tive muito contato com a natureza, com animais e guardo essas recordações com bastante carinho.

Referência paterna - Crescer sem a presença do pai foi algo que fez muita falta na minha vida. Mas, por outro lado, minha referência paterna acabou sendo representada pelo meu avô, porque eu passava muito tempo com ele. Com o tempo, superei essa falta do pai. A perda me fez crescer em alguns aspectos e amadurecer antes do normal.

Trabalho - Comecei a trabalhar com 11 anos, para ajudar minha mãe, pois ela

não tinha uma situação financeira muito boa. Trabalhava no comércio, no contraturno do horário escolar. Na época, meu sonho era cursar magistério, mas eu não tinha condições financeiras. Então, optei por freqüentar o curso Técnico em Contabilidade, que acabou, por outro lado, me levando para minha profissão atual.

Mudança - Quando completei 18 anos, em 1989, período em que concluí o ensino médio, tive muita vontade de continuar estudando e ingressar na universidade. Uma amiga que trabalhava na Unisinos me convidou para participar de um processo seletivo e trabalhar na universidade. Fui contratada para atuar na antiga secretaria do Centro de Ciências Tecnológicas. Então, dividia o aluguel de uma casa com oito meninas, que também eram do interior e vieram para São Leopoldo com a finalidade de estudar.

Graduação - Passei no vestibular para o curso de Pedagogia, tentando recuperar o sonho de cursar magistério. No primeiro semestre, cursei duas disciplinas que correspondiam ao antigo básico. Para pagar, gastei todo o dinheiro da minha poupança que guardei durante muitos anos. Com a contratação na Unisinos, consegui dar con-

tinuidade aos estudos. Já no segundo semestre, troquei para Ciências Contábeis.

Carreira profissional - Trabalhei durante quatro anos na secretaria do antigo Centro 7. Esse foi um período em que aprendi muito e fiz várias amizades. No decorrer do curso, senti a necessidade de atuar na área. Pedi uma oportunidade para trabalhar com contabilidade, na universidade. Durante seis meses, trabalhei meio turno no setor de contábeis e o restante do tempo na secretaria do Centro 7. No final do estágio, solicitei a permanência no setor, e fui transferida de forma integral. Na área contábil, trabalhei na área fiscal, gerencial, de custos, o que me permitiu adquirir experiência em diversos campos da contabilidade. Isso me deu mais certeza de que eu tinha escolhido o curso certo. Em 1994, concluí a faculdade e, em 1996, cursei a especialização em Controladoria. Mais tarde, trabalhei no ensino médio, lecionando a disciplina de contabilidade e custos no curso técnico em contabilidade, e atualmente, além de atuar na auditoria interna, sou Diretora Econônico-Financeira da Fundação Padre Urbano Thiesen (TV e Rádio Unisinos) e auditora do Sistema de Gestão Ambiental da Universidade.